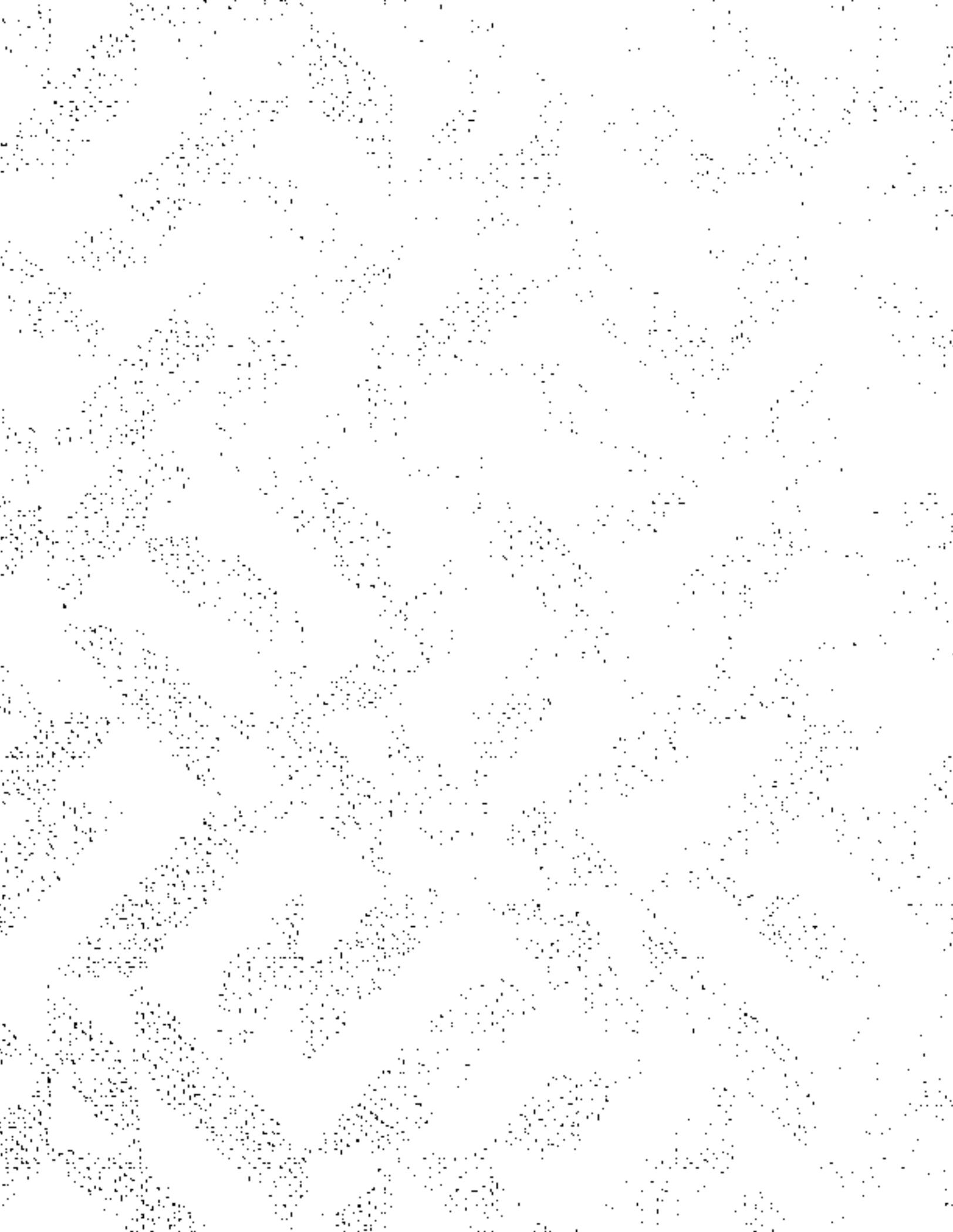


7faces
caderno-revista de poesia







Obra da homenageada

Poesia

Presságio (1950)
Balada de Alzira (1951)
Balada do festival (1955)
Roteiro do silêncio (1959)
Trovas de muito amor para um amado senhor (1961)
Ode fragmentária (1961)
Sete cantos do poeta para o anjo (1962)
Da morte. Odes mínimas (1980)
Cantares de perda e predileção (1983)
Poemas malditos, gozosos e devotos (1984)
Sobre tua grande face (1986)
Amavisse (1989)
Alcoólicas (1989)
Do amor (1999)
Júbilo, memória, noviciado da paixão (2003)
Do desejo (1992)
Bufólicas (1992)
Cantares do sem nome de partidas (1995)

Teatro

A Empresa ou A possessa: estória de austeridade e exceção (1967)
O rato no muro (1967)
O visitante (1968)
Auto da barca de Camiri ou Estória, muito notória, de uma ação declaratória (1968)
As aves da noite (1968)
O novo sistema (1968)
O verdugo (1968)
A morte do patriarca (1969)

Ficção

Fluxo-floema (1970)
Qadós (1973)
Ficções (1977)
Tu não te moves de ti (1980)
A obscena senhora D. (1982)
Com os meus olhos de cão e outras novelas (1986)
O caderno rosa de Lori Lamby (1990)
Contos d'escárnio – Textos grotescos (1992)
Cartas de um sedutor (1991)
Rútilo nada. A obscena senhora D. Qadós (1993)
Estar sendo. Ter sido (1997)

7faces
caderno-revista de poesia

Isso de mim que anseia despedida
(Para perpetuar o que está sendo)
Não tem nome de amor. Nem é celeste
Ou terreno. Isso de mim é marulhoso
E tenro. Dançarino também. Isso de mim
É novo: Como quem come o que nada contém.
A impossível oquidão de um ovo.

Hilda Hilst

sumário

Apresentação	
“O poeta inventa viagem, retorno e morre de saudade” <i>Por Pedro Fernandes</i>	13
A poesia de Hilda Hilst e os homens de seu tempo <i>Por Luisa Destri</i>	29
POETAS E POEMAS	
Matheus José Mineiro	41
Ana Maria Rodrigues Oliveira	49
Valdeck Almeida de Jesus	55
Waleska Martins	59
Bruno Baker	67
Rafaela Nogueira	71
Léo Br	77
Guilherme Dearo	85
Luiz Walter Furtado	93
Jorge de Freitas	97
Leonardo Chioda	105

ENTREMEIO: HILDA HILST – TRAÇOS DA MEMÓRIA

O processo criativo de Hilda Hilst **121**

Por Mariana Payno

Recônditos da memória 128

Por Luzia Helena Novaes

Surpresas no quarto de Hilda Hilst 131

Por Mariana Payno

POETAS E POEMAS

Yasser Jamil Fayad **143**

João Grando **149**

Maria Azenha **169**

Carole B. **175**

Lucas Grosso **183**

Ludmila Barbosa **187**

Cesar Carvalho **191**

Marcos Mariani Casadore **195**

Daniel Marchi **203**

Andrei Ribas **207**

apresentação

“O poeta inventa viagem, retorno, e sofre de saudade”

Hilda Hilst

Costumeiramente pensa-se sobre forma e linguagem quando se fala sobre renovação na poesia. Mesmo sabedores de que isso é, de fato, uma constante; basta olharmos de perto determinados exercícios poéticos produzidos das chamadas vanguardas literárias – os instantes mais radicais, podemos assim dizer, sobre as renovações em quaisquer campos da literatura – e a incorporação das suas influências para vermos isso claramente. Para citar do último grupo, isto é, dos que beberam na fonte de tais revoluções, basta citar Carlos Drummond de Andrade, quem melhor no seu tempo compreendeu os propósitos alardeados pelo modernismo, João Cabral de Melo Neto e sua poética de traço cubista, Manoel de Barros e sua estreita aproximação com o surrealismo, e já temos nomes mais que representativos, significativos, quando nos referimos à cena literária nacional.

Mas, essas renovações também se mostram (nem sempre conjugadas aos aspectos formais e linguísticos) no tema. E é possível que este signifique tanto ou mais que os outros aspectos, sobretudo, quando oferecem rupturas para os modelos correntes – tal como fez Rimbaud – ou para os chamados temas não críveis pela poesia, ou ainda para assuntos sempre recorrentes quando muitas vezes, numa dimensão maior, são outros os que melhor serviriam ao poeta. Nas duas situações não lidamos com o poeta ingênuo mas com o leitor perspicaz dos nomes formadores da chamada tradição a qual interessa filiar sua obra (filiar não significa necessariamente seguir um protocolo de uma determinada corrente ou certo grupo mas dialogar com aspectos que lhe servem de interesse à composição de sua obra) e dos nomes de seu tempo. Como todo indivíduo que labora com a palavra é inconcebível, no auge da cultura letrada, de forte influência bibliográfica e ante a pluralidade de vozes, poetas que, por gosto ou ignorância, se desfaçam dos seus antecessores e dos seus contemporâneos. Desfazer-se tem aqui outra conotação, diferente de negar. Negar é quase-sempre uma necessidade para ao poeta e a feitura de seu universo. Negar é uma alternativa de autoafirmação da sua voz. É uma estratégia dissonante e consonante da criação. Mesmo aqueles que se sustentam pela máxima de que a experiência (e só ela) é o suficiente para a construção de uma obra.

Essas constatações aparentemente fundamentais quando o leitor mais atento busca fundamentos para os motivos em sua grande parte de natureza irrefletida, porque há entre ele e o poema uma relação de afinidade determinada por uma complexa rede de aspectos subjetivos – alguns deles indetermináveis pelas vias do olhar racionalista, crítico ou determinista – servem à leitura do poeta em construção e do poeta de magnitude quase sempre inquestionável, os já reconhecidos ou os por conhecer. São caminhos ou termos encontrados pela crítica a fim de justificar suas escolhas que não através do mero influxo de uma paixão pelo que lê ou ainda, nos tempos de fronteiras corrompidas, um distanciamento assumido sobretudo pelo leitor de boa índole do poeta amigo ou do poeta vinculado a determinado grupo editorial e sobre o qual sempre é mais conveniente falar bem e não soltar farpas sobre certas inconveniências da escrita. Evidentemente que o embate

(não a chantagem e o xingamento para citar dois comportamentos do leitor raso que não dialoga – e aqui, por pura ignorância – com o que não lhe é conveniente) é muito mais produtivo para o poeta. E o poeta lúcido há sempre que desconfiar quando sua voz só encontra consonâncias, porque estas não existem e porque são fiéis produtoras do poeta medíocre ou, para glosar certo verso da Ana Cristina Cesar, a voz de único tom pode fazer qualquer um sentir-se Fernando Pessoa.

Entre os nomes ousaram intervir com os chamados temas pouco poéticos – e por isso as observações desenvolvidas até aqui – está o de Hilda Hilst; talvez por essa razão e porque não se interessou pactuar com determinados grupos do Olimpo (leiam a expressão com a máxima de ironia possível), a poeta também está no rol daqueles cuja obra melhor ficaria se caída no esquecimento. Contra essa última imposição podemos pensar na saída construída por ela: passar-se pelo que não era (ou será que era?) a fim de enquanto se desfazia da voz comum que rebaixava seu trabalho se mostrava igualmente como as outras já ingressadas por toda sorte de subterfúgios ao panteão dos sacrossantos. Essa posição é arriscada e não serve aos fracos, aos que se encantam pelo bruxulear da fama do bem-aceito e esquecem do lugar devido do poeta – o não-lugar. Hilda fez-se em trânsito e construiu aberturas para ruir com o interesse escuso da crítica conveniente e conivente que zelou por jogá-la no limbo.

O poeta é e não é homem do seu tempo. Sabe de quais materiais molda seu universo. É porque não é possível se desfazer das obsessões que lhe tomam no momento de composição; não é porque, mesmo expondo às claras os motivos do seu tempo, estes não são sorvidos à sua maneira pelos leitores imediatos. Isso justifica a perenidade de determinadas obras; justifica o caso de redescoberta da poesia de Hilda Hilst. É o processo de contínua leitura motivado em parte pela exposição escusa da crítica de seu tempo quando não o silêncio em torno da sua obra – silêncio lido pela poeta como o pior dos castigos da musa contra o trabalho do poeta, silêncio que sempre foi preenchido pelas banalidades produzidas por outros poetas – que faz finalmente sua obra alçar outra dimensão da sua obra na e para a literatura recente.

Não se trata isso de reconciliação do centro com os das margens – porque além dessas duas dimensões possuir suas limitações, sobretudo a segunda, a releitura de uma obra nem sempre é feita com o interesse de corrigir a visão deturpada de um tempo. É porque finalmente é feita uma leitura coerente e não sentencial de sua obra. Nesse momento parece que sempre ouviremos ela nos dizer, “fico besta quando me entendem”. E, afinal, pode nem ser entendimento somente; é que obedecendo certa posição repetível entre os grandes, Hilda esteve em contato com as vozes de um tempo porvir, ainda que este tempo de hoje ora pareça tão mais retrógrado, corrompido, coberto por uma espessa camada de fumo com elementos do pior da civilização. E esta não é uma posição pessimista; é somente uma constatação do próprio malgrado humano lido pela poeta em “Poemas aos homens de nosso tempo”.

Da extensa e multifacetada obra de Hilda Hilst, a poesia, tal como sua prosa, esteve interessada em expor, dentre outras questões ou temas, os conflitos centrais entre sujeito mundo e os discursos sempre apresentados como acabados ou não-sensíveis ao campo do poeta; tal posição está em consonância com o que se esperava da obra de um poeta do seu tempo, mas, tudo se filia a uma condição marcadamente única só possível de ser realizada através de uma escrita interessada no trabalho não de permanência mas de desestabilização das trivialidades. Devemos a Hilda sua perspicácia e inteligência em afastar-se da mesmidade dos temas no interesse de uma obra autossuficiente; que fez da contradição e dos rigores estabelecidos dos discursos matéria vital para sua poesia – coragem dispensada em muitos poetas e utilizada com o vigor necessário na construção de uma obra desde sempre igualmente necessária.

Hilda Hilst (1930-2004)



© Yuri Vieira

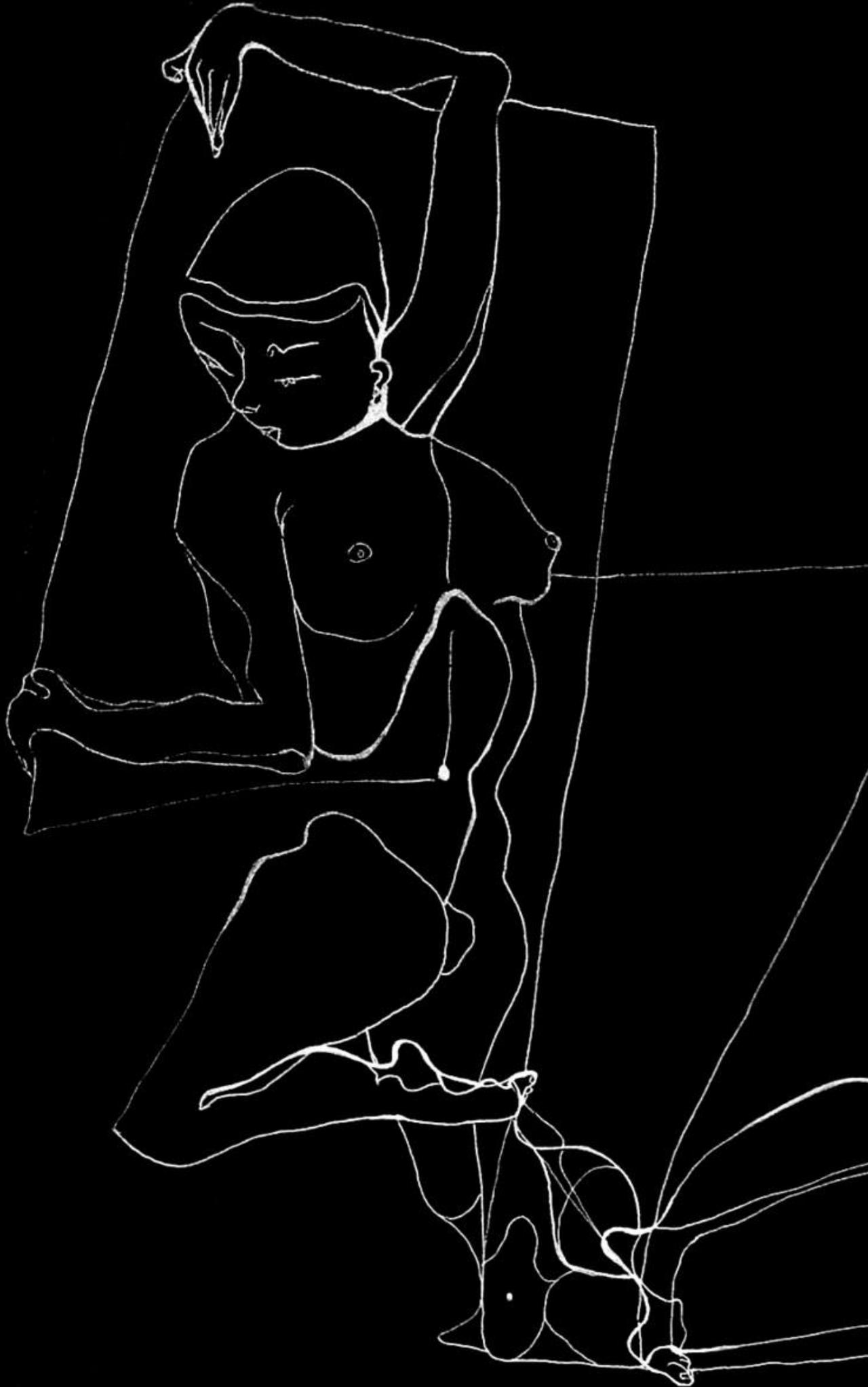
a homenageada

Meus poemas nascem porque precisam nascer. Nascem do inconformismo. Do desejo de ultrapassar o Nada. As emoções sentimentais raramente inspiram a minha poesia que quase sempre surge de um problema maior – o problema da morte, não no sentido metafísico de tudo quanto possa advir depois de acontecida. O que faz nascer a minha poesia é a não aceitação de que um dia a vida se diluirá e, com ela, o amor, as emoções do sonho e toda essa força potencial que vive dentro de nós.

Hilda Hilst

Hilda Hilst (21 de abril de 1930 – 04 de fevereiro de 2004). Escreveu poemas, contos, romances, crônicas, peças de teatro. Foi pela poesia que iniciou sua escrita em 1950 e compôs uma obra “fundada na tradição lírica, com influência dos poetas latinos Catulo e Marcial” e constrói “um Eu que busca uma compreensão de si mesmo e do mundo. É pertinente o tema do amor, tema privilegiado que segue o modelo idealizado de poesia como as *cantigas de amigo* medievais, que cantam o amado ausente. Seus poemas versam sobre o amor, a morte, Deus e o silêncio”; “A poesia hilstiana tanto explora a natureza física e erótica como a metafísica”. Entre 1967 e 1974 parou de escrever poesia, dedicando-se mais ao exercício da prosa. Na chamada poesia tardia – período da escrita de obras como *Do desejo* e *Bufólicas* flertou com o traço pornográfico como num gesto de afirmação sobre a pluralidade de sua escrita, um grito no silêncio em torno de sua obra então lida como *literatura séria* e a própria desconstrução das estereotípias arraigadas nos meios literário e crítico.

* Os textos entre aspas são excertos do importante estudo *Nilismo heroico em Samuel Beckett e Hilda Hilst*, de Rosanne Bezerra de Araújo (EDUFRN, 2012).





PRELÚDIOS-INTENSOS PARA OS DESMEMORIADOS DO AMOR

I

Toma-me. A tua boca de linho sobre a minha boca
Austera. Toma-me AGORA, ANTES
Antes que a carnadura se desfaça em sangue, antes
Da morte, amor, da minha morte, toma-me
Crava a tua mão, respira meu sopro, deglute
Em cadência minha escura agonia.

Tempo do corpo este tempo, da fome
Do de dentro. Corpo se conhecendo, lento,
Um sol de diamante alimentando o ventre,
O leite da tua carne, a minha
Fugidia.

E sobre nós este tempo futuro urdindo
Urdindo a grande teia. Sobre nós a vida
A vida se derramando. Cíclica. Escorrendo.

Te descobres vivo sob um jogo novo.
Te ordenas. E eu deliquescida: amor, amor,
Antes do muro, antes da terra, devo
Devo gritar a minha palavra, uma encantada
Ilharga
Na cálida textura de um rochedo. Devo gritar
Digo para mim mesma. Mas ao teu lado me estendo
Imensa. De púrpura. De prata. De delicadeza.

II

Tateio. A frente. O braço. O ombro.
O fundo sortilégio da omoplata.
Matéria-menina a tua frente e eu
Madurez, ausência nos teus claros
Guardados.

Ai, ai de mim. Enquanto caminhas
Em lúcida altivez, eu já sou o passado.
Esta frente que é minha, prodigiosa
De núpcias e caminho
É tão diversa da tua frente descuidada.

Tateio. E a um só tempo vivo
E vou morrendo. Entre terra e água
Meu existir anfíbio. Passeia
Sobre mim, amor, e colhe o que me resta:
Noturno girassol. Rama secreta.

III

Contente. Contente do instante
Da ressurreição, das insônias heroicas
Contente da assombrada canção
Que no meu peito agora se entrelaça.
Sabes? O fogo iluminou a casa.
E sobre a claridade do capim
Um expandir-se de asa, um trinado

Uma garganta aguda, vitoriosa.

Desde sempre em mim. Desde
Sempre estiveste. Nas arcadas do Tempo
Nas ermas biografias, neste adro solar
No meu mudo momento

Desde sempre, amor, redescoberto em mim.

IV

Que boca há de roer o tempo? Que rosto
Há de chegar depois do meu? Quantas vezes
O tule do meu sopro há de pousar
Sobre a brancura fremente do teu dorso?

Atravessaremos juntos as grandes espirais
A artéria estendida do silêncio, o vão
O patamar do tempo?

Quantas vezes dirás: vida, vésper, magna-marinha
E quantas vezes direi: és meu. E as distendidas
Tardes, as largas luas, as madrugadas agônicas
Sem poder tocar-te. Quantas vezes, amor

Uma nova vertente há de nascer em ti
E quantas vezes em mim há de morrer.

De Júbilo, memória, noviciado e paixão (fragmento)

AS COISAS QUE PROCURO

As coisas que procuro
Não tem nome.
A minha fala de amor
Não tem segredo.

Perguntam-me se quero
A vida ou a morte.
E me perguntam sempre
Coisas duras.

Tive casa e jardim.
E rosas no canteiro.
E nunca perguntei
Ao jardineiro
O porquê do jasmim
– Sua brancura, o cheiro.

Queiram-me assim.
Tenho sorrido apenas.
E o mais certo é sorrir
Quando se tem amor
Dentro do peito.

De Roteiro do silêncio

Se eu soubesse
Teu nome verdadeiro

Te tomaria
Úmida, tênue

E então descansarias.

Se sussurrares
Teu nome secreto
Nos meus caminhos
Entre a vida e o sono

Te prometo, morte,
A vida de um poeta.
A minha: Palavras vivas, fogo, fonte.

Se me tocares,
Amantíssima, branda
Como fui tocada pelos homens

Ao invés de Morte
Te chamo
Poesia
Fogo, Fonte, Palavra viva
Sorte.

De *Da morte. Odes mínimas*



A POESIA DE HILDA HILST E OS HOMENS DE SEU TEMPO

Luisa Destri

O desejo de encontrar a melhor maneira de se comunicar com o outro é algo de que a obra de Hilda Hilst muito se ocupou. Tendo até mesmo motivado, conforme afirmou a própria autora, a diversificação dos gêneros literários praticados¹, a preocupação é tema de importantes passagens, além de estar no cerne de muitas imagens ao longo da obra. Lori Lamby, sempre à procura da melhor palavra em seu dicionário, vê o pai entrar em “crise” porque ninguém lê os seus livros, razão pela qual a garota fantasia o sucesso de seu próprio caderno rosa. Sem a companhia de Ehud, o marido, a viúva Hillé perde a capacidade de interagir com a vizinhança. Já para Amós Kéres a falta de sanidade está relacionada a problemas de contato e transmissão: “Estou mal. Curto-circuitando”.

No que diz respeito à poesia, difícil é encontrar um momento, especialmente a partir da década de 1970, em que a atitude predominante não seja a da “apóstrofe lírica”, isto é, a do confronto do eu com uma segunda pessoa². O modo hiltiano de conhecer alguma realidade é interpelá-la: para além de interrogar a divindade e o amado, o eu lírico dialoga com a morte, com a vida...

No caso de *Júbilo, memória, noviciado da paixão* (1974), o diálogo com o outro se dá a partir de duas interessantes particularidades. Em primeiro lugar, a aprendizagem amorosa, privilégio apenas de quem ama, e não de quem é amado, diz respeito apenas ao sujeito lírico – que no entanto não se fecha em si mesmo, na meditação do sentimento, como ensinaria a melhor tradição lírica amorosa em que os poemas encontram seus modelos.

Segundo, neste livro que reúne seis conjuntos de poemas amorosos, o encerramento é feito por uma série de composições de circunstância: em “Poemas aos homens do nosso tempo”, passeiam “gargantas mentirosas”, “ouro, conquista, lucro, logro”, homens políticos, o povo... Quer dizer, após cerca de setenta poemas em torno das expectativas e dos dissabores do amor, dezessete querem remeter diretamente ao contexto político. O mais surpreendente é que, longe de representar incoerência, esse encaminhamento tem razões que se podem ler ao longo de todo o livro.

A maneira como essas duas particularidades configuram o problema da expressão pode ser discutida a partir do poema XII de “O poeta inventa viagem, retorno, e sofre de saudade”³. Como promete o título do conjunto, a amante busca, num movimento agitado, vencer a distância ou a falta do outro:

1. Túlio viaja. A sós. E o tempo passa.
2. Túlio nos ares, asa, e amplidão,
3. E o poeta morrendo, a sós, na casa,
4. O coração nos ares

5. Ai, coração, lamenta e apaga
 6. Teu existir de sangue
 7. Essa desordenada convulsão
 8. Porque Túlio viaja e não te sabe.
 9. Sabe apenas de si, e das notícias
 10. Supremas da política, dos homens
 11. Fica atento à eloquência
 12. E de ti, coração (antes que a pedra
 13. Se julgue irmã da tua matéria
 14. Ouve, contido): De ti, Túlio não sabe.
15. Porisso volta à terra, esquece os ares.

Amado e poeta. Ambos sós, ambos nos ares. Uma nova espécie de cena idílica, cuja efetuação irônica é já marcada pelo nome classicizante. “Túlio” viaja de avião na amplidão dos ares e dos lugares reclamados pelos negócios; o eu lírico morre de saudade e angústia, a esperá-lo em casa. Túlio voa, mas apenas porque viaja. Na verdade é ela, o sujeito apaixonado, que pode recriar, com o verso “O coração nos ares”, o chavão por que se expressam os apaixonados: “Estou nas nuvens”.

O “existir em sangue” da amante contrapõe-se, esquematicamente, à atenção ordenada do amado às notícias da política. O discurso em “convulsão” da poeta é o exato oposto da eloquência que atrai os homens. Túlio sabe do que, sendo notícia, é fugaz e mundano – daquilo que, embora “supremo”, não parece extraordinário ao eu lírico, por carecer da intensidade fundamental da poesia.

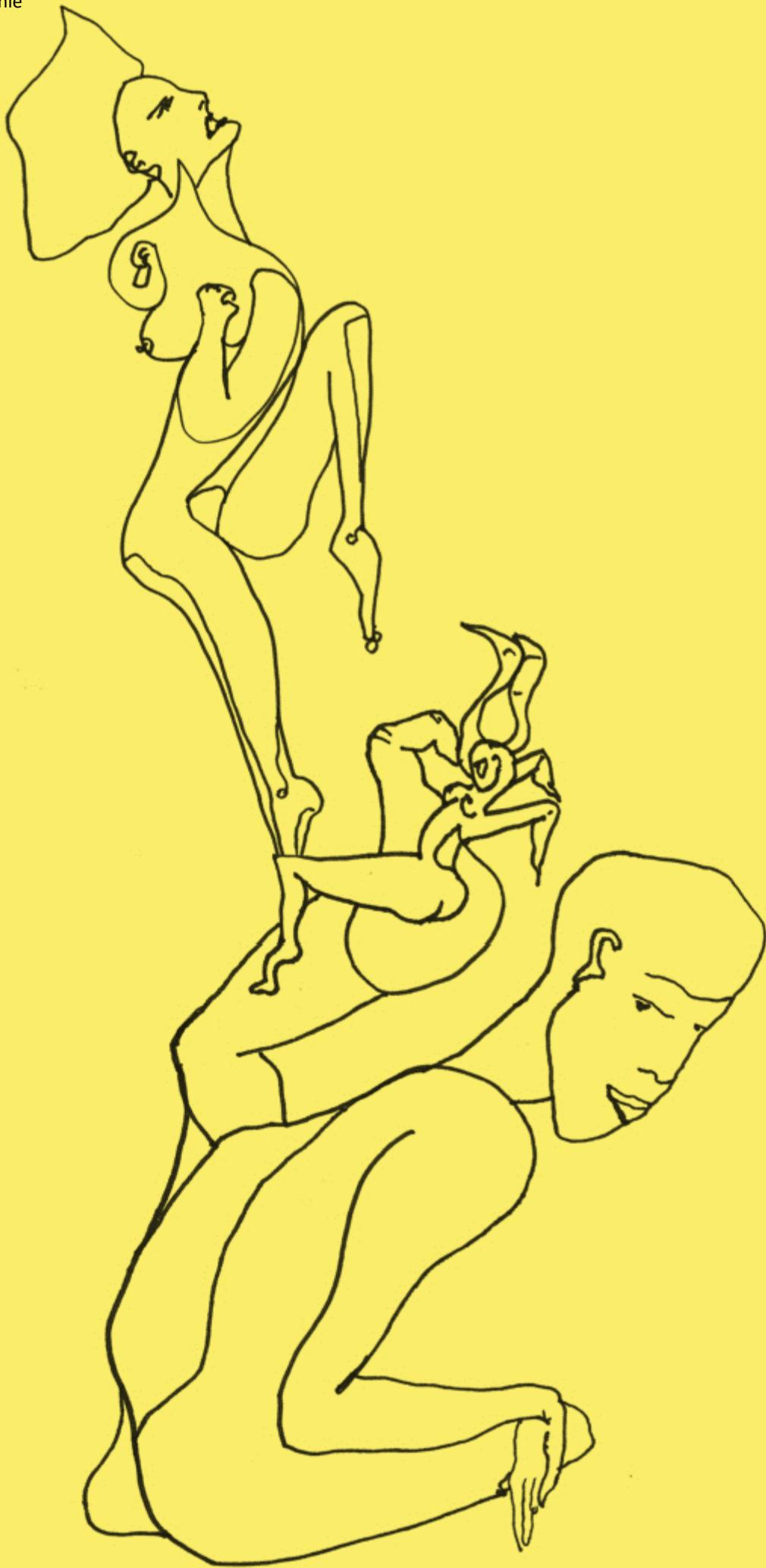
É porque o amado não se deixa comover pelos versos a ele ofertados (“De ti, Túlio não sabe”) que o eu lírico dá uma espécie de conselho a seu próprio coração: contenha-se, “antes que a pedra/ Se julgue irmã da tua matéria”, ou seja, evite tornar-se um “coração de pedra”. A amante se põe em estado de alerta quando compreende que o outro não a conhece, e que melhor seria deixá-lo nos ares e retornar à vida sem ele. Daí o fecho desenganado – que não se dá sem a recriação de outro lugar-comum: “coloque os pés no chão”.

A atestar o diferente estatuto de cada linguagem para o eu lírico está a dificuldade de leitura provocada pelo *enjambement* entre os versos décimo primeiro e décimo segundo. Como a estrofe havia se iniciado com o imperativo ao coração, o verbo “fica”, forma que vale tanto para o imperativo à segunda pessoa quanto para o presente do indicativo da terceira, parecia vir na mesma esteira. Assim, a “eloquência”, que se poderia oferecer como a expressividade do sujeito, torna-se pejorativa ao qualificar os interesses de Túlio, e talvez induza o leitor ao mesmo equívoco sofrido por um ingênuo coração, apaixonadamente implicado em seus “ais”.

Como razão para que a poeta tente “segurar seu coração”, há o dilema produzido pelo andamento do poema argumentativo: que pode a expressão lírica do sujeito, o lamento, o despejamento romântico de “ai, coração”, diante de um homem exato, que do avião pensa nas notícias, em seu trabalho, nos discursos e na política?

Se Túlio (a persona do amado) voa sozinho e se esquece da amante, e se não vê interesse ou verdade na poesia que esta lhe dedica, ou não reconhece valor discursivo na embriaguez por ele mesmo provocada, o eu lírico deve deixar de subir às alturas para encontrá-lo. Por recusa do amado, ela deve renunciar ao desejo de transformar-se nele. Deve voltar-se em definitivo para onde está, a terra, na distância de Túlio, irreparavelmente ausente.

Sustentam cada uma das estrofes expressões corriqueiras e que facilmente se aplicariam à linguagem dos amantes: “estou nas nuvens”, “coração de pedra” e “pés no chão”. Pode-se tratar de esforço para recuperar formulações já banalizadas pelo uso cotidiano, de tentativa de fazer elevada uma matéria gasta, antigos lugares-comuns. Mas, como constata o eu lírico, que se vale da recriação dessas expressões para manifestar as dificuldades encontradas ao dirigir-se ao amado, o procedimento não se sustenta. Ainda que procure fazer sublime sua própria eloquência, retorna a sentidos tão pouco expressivos como os dos clichês. Parece impossível a penetração do discurso amoroso e poético, tal como concebido, no mundo dos negócios em que vive Túlio.

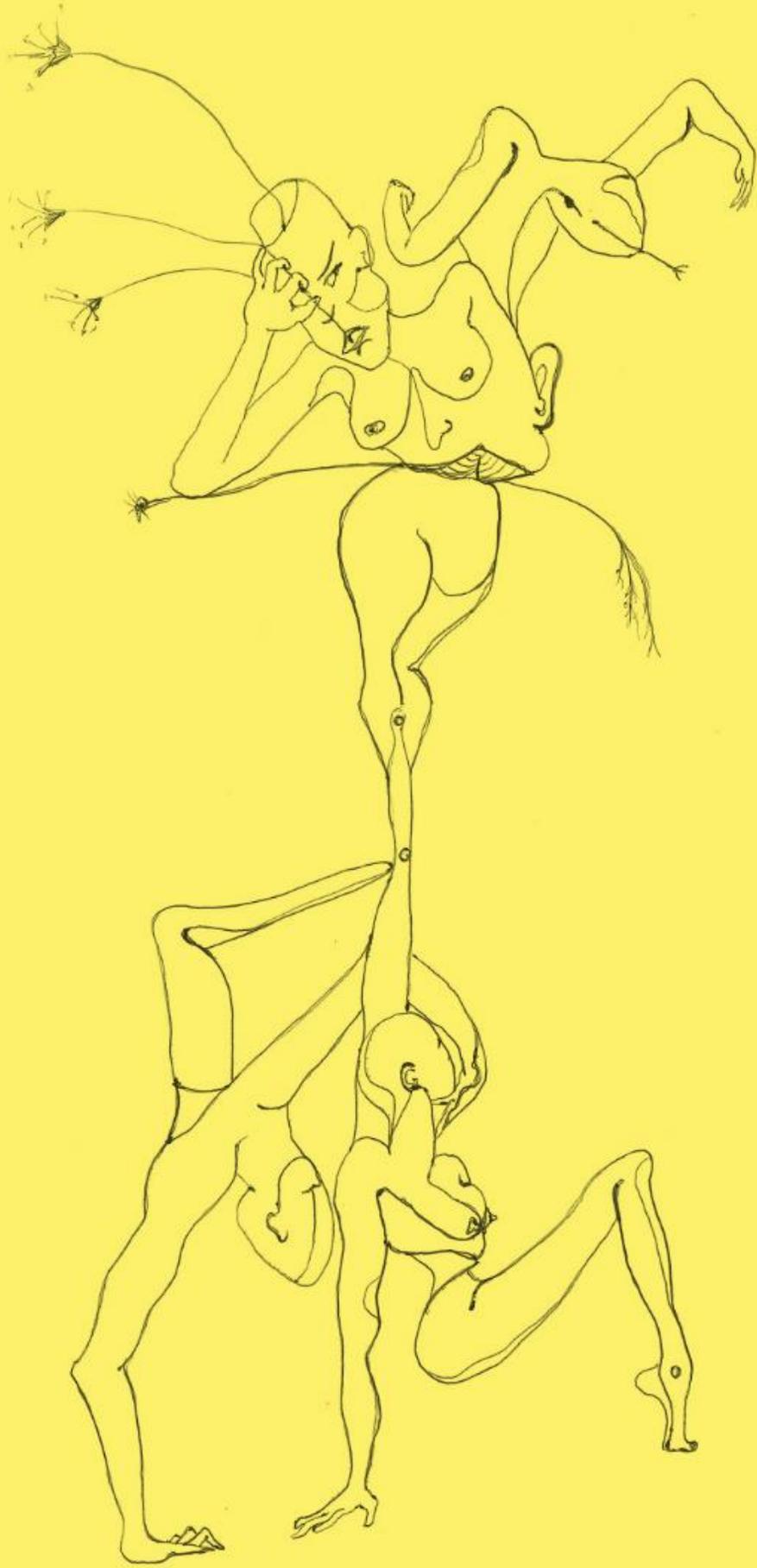


Esquemáticamente, portanto, o poema apresenta dois universos, duas linguagens de diferentes naturezas, cuja interpenetração parece impossível. Túlio, em sua ordem, seu voo e a política, é o representante legítimo do mundo dos negócios. E o mundo da fantasia figura como espaço em que o eu lírico vive isolado, cultivando um desejo que nada pode contra a distância em que se coloca o amado.

O sujeito se defronta, conseqüentemente, com sua própria impotência. A linguagem e a expressão mostram-se incapazes de penetrar o universo do outro ou não são capazes de dar sustentação firme à fantasia irrealista da amante, que se deseja enganar, mas que tampouco nisso logra êxito. Toda a intensidade de que se tenta revestir a expressão, ressaltada pelo “ai” da segunda estrofe, é refutada, fazendo recaírem sobre a própria poesia as dificuldades da adequação de um discurso amoroso e, por conseguinte, da configuração mesma da lírica.

A consciência das dificuldades colocadas pelo universo próprio e impenetrável do amado e a afirmação de uma poética que se define como movida por uma carência original, da qual o sujeito irremediavelmente tem consciência, parecem constituir o motivo básico para que a poeta procure, a todo custo, recriar uma linguagem que já não serve aos amantes e tampouco à poesia.

O retorno aos clichês revela, portanto, o desejo deste eu lírico em buscar a possibilidade ou a potência de sua comunicação. Nada mais natural que a procura passe a se dar também no âmbito da tradição lírica. De fato, em *Júbilo, memória, noviciado da paixão* Hilda Hilst dialoga com autores tão diversos quanto Catulo, Camões, Maiakóvski, Drummond, com a expectativa de elevar seu próprio canto. Que sirva de exemplo o seguinte fragmento do poema IX de “Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio”: “[...] se a mim não me deram/ Esplêndida beleza/ Deram-me a garganta/ Esplandecida: a palavra de ouro”, que reescreve um trecho da fictícia carta de Safo de Lesbos, segundo a imaginação do poeta latino Ovídio: “Se a natureza rigorosa recusou-me a beleza eu corrijo esse erro com meu gênio; minha silhueta é pequena mas tenho um nome que pode abranger a terra: tenho em mim o que pode espalhar a fama”⁴.



Ocorre, porém, que aquele a quem se dirigem os poemas de amor do livro não está preparado para tal palavra. *Júbilo* se inicia com o imperativo ao amado – “Olha-me de novo” –, cresce com o sofrimento decorrente da falta amorosa – “É bom que seja assim, Dionísio, que não venhas” – e radicaliza diante da ausência de resposta: “Ou te transformas, rei de fogo e justo,/ E, a quem merece, dás amor e alento// Ou se refaz em ira a minha luxúria/ Me desfaço de ti, muito a contento” (num transtorno que atinge inclusive a sintaxe, dificultando a leitura do fragmento). Embora não se trate de uma arquitetura rígida, a sequência dos conjuntos e dos poemas é evidentemente elaborada, e permite ver certo amadurecimento do sujeito lírico. À medida que o outro se esquiva, o eu se torna mais confiante do valor de seu canto.

Em termos de uma lírica amorosa, descobrir-se a partir da ausência do outro é um processo essencialmente feminino, já que se dá à custa da subversão das expectativas relacionadas aos gêneros poéticos que Hilda Hilst exercita. As odes dedicadas a Dionísio poderiam ser elegias, por força do lamento amoroso; a retomada das cantigas medievais ilumina a coita da amiga, mas acaba por representar o sabor de descobrir-se só; ao buscar a introspecção da canção camoniana, o sujeito renuncia a transformar-se na “cousa amada”, pois no outro reconhece apenas “medo e muralha”, “pedra e areia, soberba e solidão”⁵. Nada, porém, está livre de contradições; nem por reafirmar sua superioridade diante do amado a amante deixa de desejá-lo, como quem se condena à fatalidade: “Hei de fazer-me triste à imagem tua”.

Neste ponto, uma ressalva é precisa: nos conjuntos que compõem *Júbilo*, três amados são identificados: Túlio, em “Dez chamamentos ao amigo”, “O poeta inventa viagem, retorno, e sofre de saudade”, “Moderato cantabile” e “Árias pequenas. Para bandolim”; Dionísio, em “Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio”; um “amor” não nomeado em “Prelúdios-intensos para os desmemoriados do amor”. Embora em relação ao primeiro a regra quase absoluta seja a não realização da experiência amorosa, com os outros dois a amante chega a vivenciar o encontro. Mas, mesmo quando ocorre, e ainda quando proporciona um poema que está entre o que de melhor produziu a autora (refiro-me ao primeiro da série “Prelúdios”), a plenitude não parece possível. Segundo as expectativas dessa amante, a experiência total

corresponderia à superação dos limites individuais – o que, na melhor das hipóteses, se pode experimentar apenas momentaneamente, na fusão dos corpos.

Ora, se as duas marcas fortes de *Júbilo* são a preocupação com a circunstância histórica e a constatação de que até mesmo no amor o contato com o outro é limitado, o livro encena uma espécie de circularidade: nascido do desejo de resgatar a potência do canto lírico, e procurando também nos textos da tradição a melhor forma de fazê-lo, não reencontra senão sua própria dificuldade. “Ai, o mundo. Ai, eu”, lamenta um narrador de *Fluxo-floema*. Dificuldade de comunicação e individualismo radical caminham juntos ao longo de toda a obra hilstiana.

No caso de *Júbilo*, ter em baixa conta aquele a quem se ama é algo que dá origem a uma clivagem. De um lado está a poesia, preciosa como “uma pequena caixa de palavras”, que o eu lírico estima e que deseja entregar ao amado; de outro, a repetida confirmação de que o outro não é capaz de confirmar essa estima, pouco se importando com tal preciosidade.

Diante de dois polos que não dialogam, de duas realidades tão intransitivas quanto o mundo das “notícias supremas da política” e o da poesia, só poderia nascer uma aparente contradição. Assim, *Júbilo, memória, noviciado da paixão*, um dos mais belos livros de Hilda Hilst, traz também suas maiores concessões à circunstância imediata. Se o projeto de levar ao outro uma poesia tão elevada esbarra apenas na recusa do valor dessa poesia, a urgência de tocar o outro, provocada pela consciência histórica, resulta na denúncia direta da “garganta do mundo” que, segundo o poema da década de 1970, “ronda escurecida”.

Que lições tal problema poderia nos ensinar hoje?

Notas

¹ Refiro-me à seguinte declaração de Hilst: “Nós vivemos num mundo em que as pessoas querem se comunicar de uma forma urgente e terrível. Comigo aconteceu também isso. Só poesia já não me bastava”, citada em entrevista a Regina Helena em 1969, “Hilda Hilst: suas peças vão acontecer” (recolhida por Cristiano Diniz em *Fico besta quando me entendem*. São Paulo: Globo, 2013, p. 25-27).

² Adoto os termos propostos por Wolfgang Kayser (*Análise e interpretação da obra literária*. Trad. Paulo Quintela. Coimbra: Américo Amado Editor, 1985), que expõe as três atitudes básicas do gênero lírico: a enunciação, a apostrofação e a canção.

³ Embora aqui a encaminhe com objetivos diversos, retomo a leitura do poema que desenvolvi em minha dissertação de mestrado, *De tua sábia ausência – a poesia de Hilda Hilst e a tradição lírica amorosa*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2010, 158f.

⁴ OVÍDIO. *Cartas de amor: as Heroides*. São Paulo: Landy, 2003, p. 176.

⁵ Penso sobretudo no poema I de “Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio”, em relação aos dois primeiros casos, e no XVI de “O poeta inventa viagem, retorno, e sofre de saudade”. De forma mais cuidadosa, analiso as duas composições em minha dissertação de mestrado.

Matheus José Mineiro

Ponte Nova – MG

O poeta é autor do livro *A Cachoeira do poema na fazenda do seu astral* (Selo Petrópolis Inc), dos fanzines *O trem bão poesia com Limão*, *Alcoologia poética*, *Galáxia pupila*, *Estrondo na bolsa fetal* e *Costelinha com quiabo e poesia*. Participa da Off FLIP – Paraty desde 2011. Tem publicações em revistas literárias como *Usina*, *Sáúva*, *Cult*, *Subversa*, *Literatis*, *Sexus* e jornais como *Plástico bolha*, ou em portais como o LiteraturaBR. É correspondente da Academia Petropolitana de Poesia – Casa Raul de Leoni, da Oficina Experimental de Poesia.

CINEMA VERTEBRAL

olhos que exibem dois curtas metragens castanhos cor de amêndoas.

visão caleidoscópica multicolorida de cores tranquilas.

cinema vertebrado projetado nas paredes das minhas retinas

com som de chuvisco nas telhas de amianto da minha cabeça.

escutando Coríntios 13 dentro da eucaristia e dentro da serraria

é como se instalasse no meu corpo a musculatura dos braços de um babuíno.

A gente permanece em busca de átomos de oxigênio no sufocamento

suco de melão, morfina para um mofo Morfeu, bulbo de papoula, rocamboles

chá de erva doce

pois anseiam arremessar-nos nas fornalhas de Nabucodonosor.

Entorses, luxações nos ombros e rupturas nos joelhos desejam ardentemente

cada milímetro do nosso esqueleto .

mas potro que termina de desmamar

logo sossega no colo da sombra de uma gameleira

e sonha com todas as ressonâncias do verbo relinchar.

Feito feto curtido em toneis de jequitibá

vendo cirros e cumulonimbus

relembrando a gente

que também podemos relampejar, trovejar, chuviscar e babar arco íris .

UM ESTRELA E ESTRALA O OUTRO

A partir de então meus olhos são dois telescópios castanhos te avistando,
cometa que orbita o estrelário da minha pupila.

Fotografia massoterapêutica debaixo dos meus cílios.

passo a te medir com sextantes, lúmens e volts .

Certo que satélites e sondas espaciais da NASA

tentam captar a estrela que gira a galáxia cor de colmeia da sua retina

e que todos os sismógrafos e placas tectônicas se agitam quando a gente se abraça,
que todos barômetros enlouquecem quando chove dentro da gente
e o ganso e a hélice da usina eólica decolam quando a gente passa.

Tens os mesmos traços de um poema

nave de igreja barroca

que deixa meus cupins estupefatos, atônitos e encantados.

haste de jurema, terapia, mousse de maracujá, bolo de cenoura, tonel de umburana

da minha cachaça,

lareira e meia de crochê diante deste urso polar de meses e garras.

quando a gente está anoitecido

se risca arisca relâmpagos e trovoadas no céu da boca.

Se a palavra despenca da voz

queda de andaimes

blocos de ardósia

despenca macio dentro do meu ouvido

tipo rio negro mergulhando no boto rosa

chuveiro escalando as parabólicas

líquens de encontro ao tronco do meu angico

Poema que me pega pelo braço e me leva para um sítio dentro da palavra sossego

onde sobra eucalipto

para alimentar a caldeira da usina de açúcar e álcool

instalada nas cavidades do corpo da gente.

DE IMPLOÇÃO ESTRELAR IRIDESCENTE NA PUPA

certas ocasiões ocasionando queimaduras e irritações na pele da gente
e somente depois é que se sente o alívio e o ciclone num assopro.

É a cálida calma da taturana caminhando na palma da mão.

ânimo nos dias de hoje

transforma nossas artérias

em fios de alta tensão desencapados.

Quando demolem meu teto com chutes e tapas

nuvens carregadas chegam para ensinar-me a relampejar.

Quando o mundo,

ferro de martelo e de marreta, despenca no pé do meu verbo caminhar

vejo-me entre o rosnado de gatas siamesas na laje

e o rompimento das comportas e adutoras da usina hidrelétrica.

Mas

a tranquilidade do besouro pardo que vinca

o estresse acinzentado e o trânsito da rotina

torce contorce a carótida deste barulho baço

que nos envolve

como cidade

como aço polvo tentáculos

como abraço.

massagens aiurvédicas ao invés de socos arranhões e pontapés

no reboco da quitinete do corpo

(este manicômio que acolhe um anjo)

TODO DIAMANTE BROTA NO ESCURO E PERPASSA O ESMERIL

todas estas inquietações e apreensões,

cromado tatu canastra que escava a região do pescoço
máquina triturando nossa calma.

os dentes de titânio do labrador
e a mandíbula de brita da moreia

disputam a primeira mordida na textura deste coração crocante.

ser as caibras

na mecatrônica pata deste javali que pisoteia nossos alfaces e nossas rúculas.

embutir o sono de um carrinho de bebe
e a procissão de um jabuti nas vias públicas
onde o sossego é desossado por hienas
e olhos são arrancados por abutres .

Toda vez que sangro ou me queimo junto com o diesel de um caminhão

o Poema aproxima - se de mim ,

me coloca na garupa da sua bicicleta

e pedala pelas estradas de terra da palavra Ânimo;

velotrol colidindo com um tanque de guerra israelita;

desengordurante;

enxada roçando este terreno íngreme que é a vida;

água mineral lençol freático escorrendo do tórax diante da aridez dos dias;
proteína esmurrando a enfermidade ;

embrião fervido nas caldeiras da Usina da Jatiboca.

Até aquele momento de não sentir mais a sua altura,

o seu comprimento e nem a espessura sobre o Planeta,

ver o corpo tão somente a propulsão de um jato de luz

com calor de cor parda.

Em meio a anemias e toxinas

abocanhando a vida com ímpeto de maxilar de um hipopótamo

talvez como nuvem que pela primeira vez relampeja sobre o metal da cidade.



ALERGIA A COR CINZA

a vida manuseia a gente com foice e facão, fervoroso boia fria.

Sabe que o coração

é material corrosivo o qual exige luvas para tocá-lo.

Desembestada, a vaca erupção

esmaga verduras e hortaliças,
acaniveta a carótida , lesiona a panturrilha ,
gás propano no olho da faísca.

Contudo

cotidianamente

uma força resistente, com ímpeto de búfalos e bisões,
prossegue subindo a minha cabeça

morro com o calçamento de terra e bloquetes de pedras.

O medo a insegurança são substâncias tóxicas no fígado da gente.

Entre o suflê e a fuzilaria entre o mudra e a lâmina da serraria

aturamo-nos.

moemos este rapé alucinógeno que é o amor e o vigor

no meio do coma e dos transtornos do alumínio.

o poema sendo aquele que oxigena o sangue
quando estamos esmagados
entre os ferrões de aço inoxidável da formiga saúva
que mede o mesmo tamanho de uma cidade
o poema sendo o analgésico o poema sendo o sedante
nesta esta vida, diária colheita de jiquiris e urtigas.

E é com esta sensação que prossigo

sensação de barranco e chuva

diante do galpão da indústria de material bélico

mãos esfregando galhos de cansação

halterofilista que sofre pra levantar o músculo do próprio coração

carreta carregada de querosene tombando numa rodovia.

Ana Maria Rodrigues Oliveira

Lisboa – Portugal

Nascida no Alentejo, distrito de Portalegre em 1960, Ana Maria é licenciada em Filosofia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa. Editou o seu primeiro livro de poesia *Grito de Liberdade* em 2008 pela Corpus Editora. Participou entre 2008 e 2014 em várias coletâneas e em 2015 publicou *Espírito guerreiro* (edição da autora). Profissionalmente lecionou na zona de Cascais e também nos Açores. Atualmente exerce num infantário onde desenvolve um projeto de Filosofia para crianças.

ÁRVORE DO RENASCIMENTO

Contemplo a dança dos entes angélicos semelhantes
Em redor da árvore frondosa do renascimento
Vislumbro a agitação harmoniosa da ramagem
Mesmo na estação cinzenta de temporal
Onde se afundam determinadas e austeras as raízes
Procurando a escuridão qual abrigo do vendaval
Caindo as folhas em perfeito desmaio adubando a terra
Onde as criaturas subsistem em gigante estendal

Que onda raivosa agitada e tresloucada
Inunda impiedosamente a Terra
Erguendo-se em espuma esbranquiçada
Destruindo indiferente as arribas
Raptando a suave e frágil areia
Deixando a embarcação humana encalhada

Onde se perpetuam e escondem subtilmente
As sementes diminutas e subtis da vida
Porventura lá no alto da montanha tamanha
Que as prende as acolhe e lhes dá guarida
E eu efemeridade andante em tronco persistente
Teimosamente flutuo na corrente à deriva

As criaturas que esquecem a ligação à árvore mãe
Esfumam-se em fantasmagoria esquecida
Desprezando o elo a unidade que nos vincula a todos
A luz do amor nesta existência corrompida

TORRENTES DESARVORADAS

Rios se formam onde outrora
Criaturas corriam em vivências que se diluíam
Nos gestos autômatos de quem é programado
Para um labirinto de ilusões
Distinções devaneios e podridões

Torrentes descontroladas descem montanhas
Arrastando seres sonhos
Corpos e monstros medonhos
E nesta torrente tudo se perpassa
Tudo se abraça num transe breve instante
Gota de eternidade palavras sem sentido
Sem significado sem luz sem idade

Gigantes rochedos se abrem em frestas
Fissuras que se movem obedecendo à necessidade
À luta de titãs e então num relâmpago incerto
Os altos cumes desabam
A superioridade é devorada pela transição
E as imponências reverências acabam

E nesta transmutação dá-se o retorno
Ao despertar num amanhecer que deixa marcas
De brancura neste chão que ainda piso
Enquanto um trovão imenso e aterrador
Percorre o espaço feito deste enlaçar
Que ainda me prende
Nesta subtileza bordada de estranheza
Onde a pequenez em lascívia se mistura
Em tentáculos de exuberância com a grandeza



© Franz Kline

KLINE '61

FELICIDADE

Orienta-me os passos pelas estradas infinitas
Impregnadas de neve cinzenta onde o frio
Corta os sentidos deixa os animais desauridos
E as criaturas mais desprevenidas sem abrigos

Elucida-me nas encruzilhadas da vida
Nas decisões sem devaneios ingratos
Sem demoníacas ilusões
Para que o meu olhar recaia como dois faróis
Sobre os outros e o mundo como sóis

Abraço-te em estado de alma sereno
Como se a dádiva da vida bastasse em plenitude
Pois o milagre do acontecer requer sensatez
Aceitação desfrute entrega atitude

Retalho-me em felicidade e deixo correr
O rio da descrença para o mundo da escuridão
Distendo-me na alegria que prometi a mim mesma
Levanto o semblante para a lua e ergo-me mesmo em exaustão

Moldo em mim o castelo da paz onde permaneço
Mesmo na velocidade alucinante das criaturas
Em condição pedregosa eternamente errante
E nesta confluência do ser e do conhecer vai-se o tormento
E em reminiscências de estrelas longínquas
Inunda-nos em fogo o reconhecimento

Valdeck Almeida de Jesus

Salvador – Bahia

Nasceu em 1966; é jornalista, escritor e poeta. Embaixador da Divine Académie Française des Arts, Lettres et Culture e Embaixador Universal da Paz. Filiado à União Brasileira de Escritores – UBE e Membro-Fundador da União Baiana de Escritores – UBESC. É Cônsul do Parlamento Nacional de Escritores da Colômbia (2013 a 2015), autor de 17 livros e coautor de 115 antologias. Ex-presidente do Colegiado Setorial de Literatura da Bahia e atual Conselheiro do PMLLB de Salvador, Bahia.

SÓ-FRÊNCIA

De mão em mão
Vou fazendo amor
Sentindo falta
Sentindo dor
Amando aos montes
Na minha casa
Ou sob as pontes...
Amando amores
Guardando dores
Gente invisível
Também de cores
Amando ausência
E na sofrência
Não tem ciúmes
Pois quem eu amo
Nem mesmo sabe
Um dia alguns
Outro nenhuns
De mão em mão
Amo silêncio
Amo paixão

Salvador, 17 de maio de 2015

NÃO TENHO MEDO DE DEUS

Não fico amedrontado
Não me intimido
Não me atemorizo
Não me acovardo
Não me preocupo
Não tenho temor
Não fico alarmado
Não fico receoso
Não fico temeroso
Deus é energia
É força, utopia
Deus é sonho
É medonho
Imenso, incomensurável
Deus é mil, é miserável
Deus é tudo
Não tenho medo de nada
Não tenho medo de tudo
Sou Deus, sou agulha
Sou Deus, sua fagulha
Sou a fábula de Deus
Sou onisciência,
Onipresença
Onipotência
Não tenho medo de mim...

Salvador, 10 de abril de 2015

Waleska Martins

Campo Grande – Mato Grosso do Sul

É graduada em Letras, com mestrado em Estudos de Linguagens, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e doutorado em Estudos Literários, pela Unesp/Araraquara. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Apaixonada por poesia, prosa, música, dança, teatro, arte, cultura e tudo aquilo que reflete paixão e que pulsa no sangue

CONTINUAMENTE

A Morte é minha cor,
É meu batom,
Amuleto que carrego para afastar pessoas.
Tatuei andorinhas no pulso e vejo raízes
Pulsando na terra.
O des-encontro é quase um ponto
Final de uma linha que nem começou.
Preso entre cascas feridas bocas,
Sinto chegar
A Morte que sussurra uma história
Em língua viva
Que só eu entendo.
Sou a ponte entre o tédio e o espelho.
Agora as andorinhas estão em meus dedos
E as raízes em meus pés.
Viro respiro e vejo casas molhadas.
Ouço a Morte sussurrando a minha inaptidão,
Abro os olhos e o cadáver continua morrendo.
A mão desliza na plácida água, enquanto o barco rasga o céu.
Esse é meu momento de não existir.
Peço perdão por pecados que não percebo
Para um Deus que não me ouve.
Agora, existir é outra coisa.

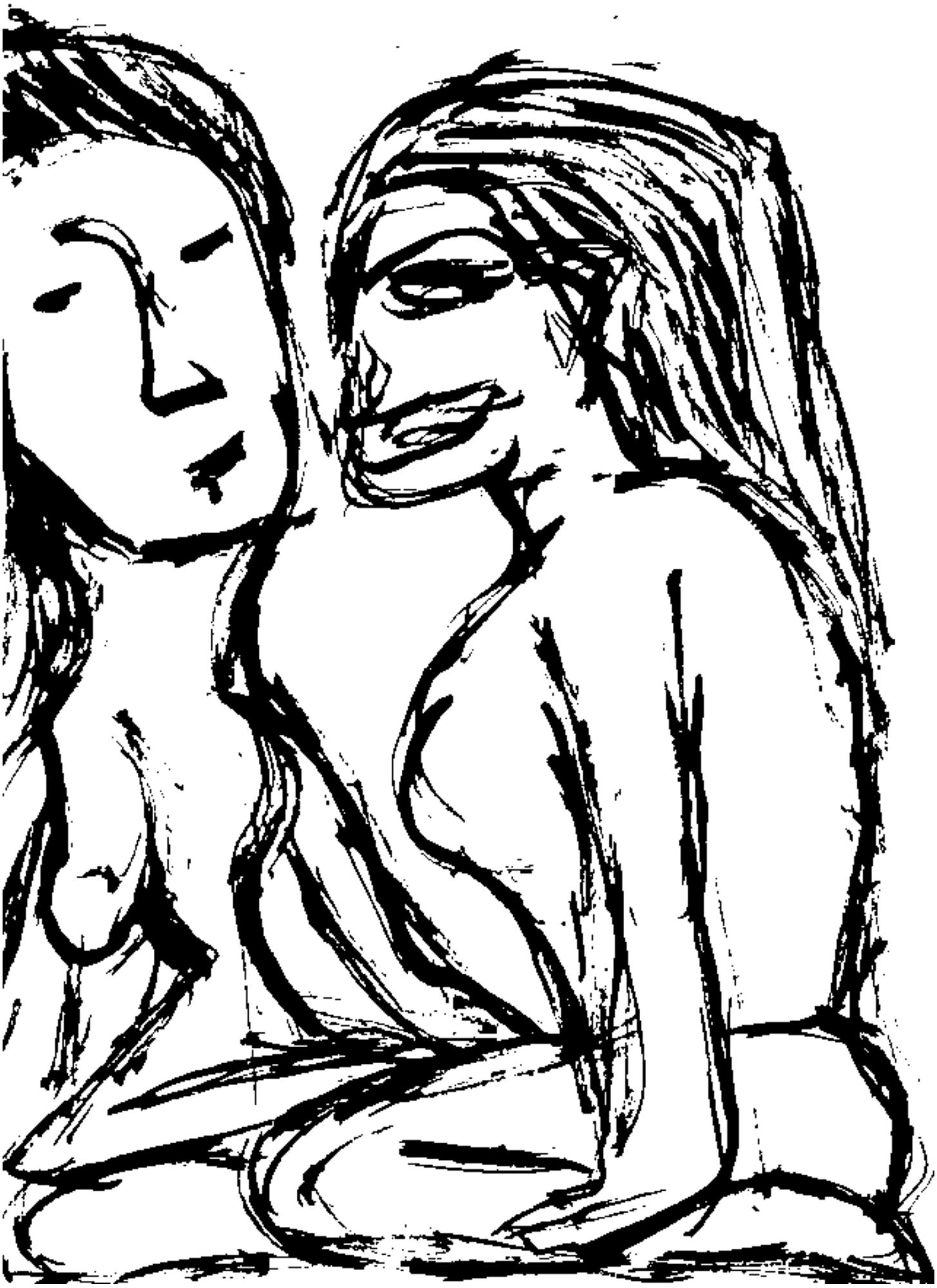


GOZOS, DELÍRIO E SAGRADO

Que venha na boca morta
O ruído do prazer.
No corpo inerte, de pernas retorcidas,
Escorre a impureza.
Que se apresente o membro rijo
Ainda latejando, ainda em delírio.
Rogando palavras sagradas,
Esperando a divina providencia da salvação.
Entre os dedos escorre um cabelo em suor,
Nos braços ainda pulsa o sangue negro,
O cenário é idílico,
O peito ainda arde em desejo insano e o gozo retido.
Nos olhos, o espelho reflete um corpo inerte,
A boca morta entreaberta,
As mãos sem jogo,
Os bicos dos seios sem o róseo.
Entre o sagrado e o profano
Só o gozo respira.

EM TI, EM NÓS

Aquele anjo é intolerante!
Avança e recua na sombra.
Vem me visitar, sem pedir licença, sem mais...
Anda de um lado para o outro
Olhando meu retrato nos olhos.
Encaro o sol de frente!
O anjo continua olhando minha alma.
Fita o retrato imóvel.
Inquieto.
Sinto sua força pulsar dentro de mim.
De súbito destroça-me!
Arfa grunha olha para o céu.
Volta calmo,
Quieto para a sombra,
Olhos fixos.
Baixa a pálpebra da vergonha honrada
E caminha sem direção.
Volta quando quer.
Vem quando o desejo lhe bate.
Algo fica de ti, em mim.



ENTRE ELAS

Uma Flor bela tem desejos vãos
Qual das pedras de seu castelo irá destruir seu caminho?
Em atitude de Cecília a Bela adormece e cora em denso Prado.
Nem o Nada sobrevive ao amor,
Nem o Fim do mundo, nem Laura.

Bruno Baker

Teresina – Piauí

Bruno Baker é Bruno Leonardo Rios Oliveira; aconteceu em fevereiro de 1986 em Teresina, Piauí – em pleno "carne(l)val dionisiáco". É poeta, bibliófilo, pesquisador musical, amante de Jazz, Blues, Rock and Roll, música dita erudita, Brega etc.

PARA MINHA NÃO AMADA

Deixo de analisar calmamente
Olho devagar sem mexer na eternidade
Suas mãos demoram no absurdo
Minha pateticidade voa sem transmitir
A noite que invade a tua vastidão
Serei indisposto e violento no desastre
Que o dia não seja senso
Que os ventos curvem a esperança cólica
O amor derrete impressões verdadeiras
E o falso absoluto como metida modernidade
Me politiza, mas não a quero
Apenas colabora com o impacto pequeno
De minha conservação
E vejo na dor a sintonia do ar tímido
Agora vou deitar em faixas fadigas
E treinar para os obstáculos engolidos
De baixo a cima

POEMA III

Através da minha outra metade
Separo ossos e berços de ouro
Nasci prematuramente de um organismo
Que se sustenta pela nitidez
Sou um artefato promíscuo
Vejo a criação delinquente
Após um aborto
Após um longo acerto
Minha nuca são minhas costas marítimas
Meus cabelos são rios-fossas
E estou aqui provando
O corpo exausto
O corpo metido
A consciência
A frieza
Um ultimato

Rafaela Nogueira

Niterói – Rio de Janeiro

Rafaela Nogueira Barbosa nasceu em 23 de maio de 1985 em Cabo Frio, Rio de Janeiro. Neste dia, o vento na região dos Lagos se intensificou para atribuir o corte à sua poesia. Filha de Núbia Nogueira e João Barbosa, carrega no sangue A+ a veia nordestina da criatividade e outra veia de boêmia carioca. Rafaela é estudante de Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em junho de 2014, lançou seu primeiro livro de poesia *Confissões monótonas*, pela Editora Multifoco. Rafa dos poemas, atualmente, reside em Niterói, ao lado do cinema.

SACADA

Sempre admirei sacadas
Mas aquela em que você
Olhando as ruínas
Estendia a ansiedade
Se repetiu dentro de mim
Até tentar te abandonar

BÚFALOS

Eu estava bem, lá na Chapada dos Veadeiros
E de repente tudo me chamou.
Um veado atravessou, tinha um compromisso.
Búfalos no caminho se refrescavam.
O cerrado queimava!
O interior tinha aquele cheiro de fazenda.
Na alvorada fui convidada às trilhas,
Caiu uma chuva no meio do nada.
Abriu-se um cânion no fim do mundo.

MAIO FRATURADO

I

Ela se parece com a tarde que caiu
Precisando de repouso e sonhos dourados
E que avistem seu horizonte descolorindo
Atravessar a retina num transporte aquático

I

Remar, remar
Vem comigo, diz aportado
Braços de barco nesse alargo azul
Tão azul que eu posso garantir
Que embaixo tem mar

ARENQUES AO CORRER DA LUA

A moça me acorda sua madrugada
Cantando bêbada na varanda
É melhor do que galo
(sabendo que um galo sozinho não tece uma manhã)
E fogos para padroeiros no interior da sala
E se o feriado for somente a São Paulo
(um gato estrebuchado espanta uma manhã)
Agora posso dormir de boca aberta sem ter vergonha
Penso que vou passar o último mês contigo em Lisboa
Filtro o café com papel toalha enquanto ouço The Outfield
Say it isn't so, tell me I'm the only one
Say it isn't so, without you I can't go on
E vai tudo amanhecer meu bem
Assim como vai entardecer
Depende do lugar e do que você sintonizar na sua rádio
E se a mesa da cozinha serve de bateria
E a gente finalmente tem uma banda de garagem

Léo Br

Brasília – DF

Léo Br é poeta e cineclubista. Produtor cultural com experiências em governo e sociedade civil na área de audiovisual. Formado pela Universidade Federal de São Carlos, integrou à rede de Pontos de Cultura de SP e de cineclubes brasileiros. Trabalhou no Ministério das Comunicações e Cultura.

DESEJO III

a neuroimagem de um Deus sorridente se integra à analogia do conhecimento organizador seja através das respirações fundadoras ou da sagrada sexualidade extraída do gozo transpessoal advindo da nascente do prazer primevo explodida num lirismo irascível que é existente desde nosso primeiro
Nó



Hans Bellmer

©Hans Bellmer

DESEJO XV

visões dentro de chuvas multicores
que implementam na gente
um inconsciente ancestral
e delineiam nos corpos
uma desejação de acontecimentos inaugurais
que se inclinam até uma pós-vida
mas que vai e volta e vibra
em torno da sublimação sutil
que é
adentrar
a era labiríntica de si

MÉTODO IX

no seu estúdio circular
cola cartazes
cheios de palavras
reles e estelares
lapidadas lentamente
de acordo com a cor

filma lapsos
prega preces
inventa timbres

travessa caminhos energéticos catalisados por toda construção afetiva e neural vestidas pelas assinaturas das conglomerações de conhecimentos que foram e são exercidas por todo e qualquer agrupamento de corpos envolvidos de sangue e saber de mim e você

MORTE VIII

Nós pensamos
as culturas
das formas da morte
a evolução das ideias fundamentais
drenando, como uma melodia
uma temperança nada imaginária
de um contexto mais amplo
apenas mais um passo
no nosso espírito de síntese

FÉ VII

artífice incapturável
não ao acaso
nos outros
mas concentrado
aqui
no claro

altivez vital
influindo na conexão
micro e macro neural
sua cognição do inato

a sabedoria da emoção
uma bolha azulada
estatelada
na vibração de tudo
que é sentido

Guilherme Dearo

São Paulo – SP

Formado em Jornalismo pela ECA-USP, é jornalista e escritor. Atualmente, é editor-assistente do site da Revista *Exame*. Na área de literatura, é autor do livro de poesia *Duas hipóteses para um acontecimento* (Editora Giostri, 2014), além de ter publicado poemas em coletâneas de revistas. Como dramaturgo, já teve dois textos encenados durante as Satyrianas, o festival de teatro do grupo Os Satyros. Desde 2015, trabalha na área de dramaturgismo da companhia e prepara um livro sobre o grupo.



FLAMINGO

Sonhei um flamingo
último voo rosa-crepuscular

A primeira noite
o último dia

Amanheci último flamingo
inocente e estático
pena sedenta

e da lua manchei-me azul
e do reflexo na água
vi a verdade selvagem e a
fera morena de olhos espreitos

Deitei-me em seu ombro brilhante
oferecendo meu pescoço
longo fino rosa e frágil

Sussurrei-lhe Devore-me
e ali foi o sacrifício
e dormi flamingo

A primeira noite
o último dia

dormi flamingo
sonhei a carne
despertei sem voo
bestial e sem cabeça
dormi último pássaro

levantei anunciado pela noite
que pedia ver meu último voo
de flamingo

e arremessou-me no céu
azul e flamingo

e o vento era inédito.

TESTAMENTOS

fazer-me cinzas
para ir com o vento
irritar um nariz
espanar-me de um livro
ir de encontro ao nada
atrás da nuvem.

ou
fazer-me estátua
monumento petrificado
putrefato.
para ir com a terra
da festa dos vermes
e voltar de onde vim.

ou
ainda
levar-me à terra e ao céu
primeiro céu, depois terra
e para isso arrancar-me
braços e pernas
com um machado
depois jogar os pedaços
e esperar
o revoar das negras asas
e o comer do fígado
em violentas bicadas eternas.

faz-me um tempo de retorno
e devolução.

HUMANIDADE

Sonha com o leão
que pode lhe devorar

Sonha com o tigre
que pode lhe devorar

Sonha com a besta...
Faminta!

Quer ser leão
Quer ser leão e tigre.
A besta faminta.

Assim deseja a morte
e seu retorno
à barriga
entranhamente.

Assim quer ver a própria carne
dilacerada
e sangue e tripa

lembrar-lhe tão claramente
de sua pequena humanidade.



MÁSCARA

Seu rosto como máscara
eterna, fixa
repousa nos braços

madeira e pedra
nariz metálico-alongado
olhos cavos e boca estática

me mira triste e dura
me desafia inteira, incompreendida
não pisca
sabe e me vê

os dedos caminham por entre cada traço
da face única
alisam redondos da esquerda e para baixo
o contorno da boca, inútil, lábios duros
da língua pecaminosa

e no olho testemunha, o dedo se enfia
até cutucar o avesso

cada linha, cada sulco
da tristeza e do martírio
lembrança e ferro
cicatriz abotoada

e tudo foi enterrado
e há raízes
e há inferioridade
e não haverá depois

é máscara mágica
enfeitiçada
resignada
máscara carnavalesca e
máscara mortuária.

e a gente pensa que está
a salvo
a salvo.

Luiz Walter Furtado

Ouro Preto – MG

Nasceu em Belo Horizonte, Minas gerais, em 28 de janeiro de 1957. Mora Em Ouro Preto desde 1992, cidade que adora e que o recebeu de braços abertos. É casado e tem dois filhos. Médico pediatra, professor de pediatria e poeta.

PREGO NA PAREDE

Enquanto numa sala os homens riam
Mulheres conversavam na cozinha
Assim que pela casa aconteciam
As festas, os natais, tudo o que havia

E nas paredes velhas descascadas
Os quadros ancestrais ali expostos
Dos quais só resta um prego pequenino
Assim, meio pregado, meio torto

E dele, já não sei se mais me assusta
A parte que se adentra na parede
Que já sabia as sombras desse tempo

Ou se, na parte exposta sempre à luz
Que hoje, já coberta de fuligem,
Sustenta a sombra imberbe do que fui.

CINCO SOLIDÕES

Eram cinco as que amavam
Duas de amores tão frágeis
Daqueles que mal suportam
poucas difíceis passagens

Outras tinham amores
que não comportam partidas
Daqueles que, sem temores,
atravessam pela vida

A quinta, sendo sozinha,
suportava sentimentos
dos tantos doces momentos
da livre vida que tinha

Nessa novela de atrizes
de tão diversos amores
Uns de leve, outros paixões
Todas seguiram na vida
tentando ver compartilhadas
suas cinco solidões.

Jorge de Freitas

Ouro Preto – MG

Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestre em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Atualmente realiza pesquisa sobre a poesia de Paul Celan. Possui poemas e artigos publicados em revistas especializadas.

O DORSO DO MINOTAURO

I

Mênade, a caçadora de cabeças,
estrangeira de fitas e cores nas terras de Tebas,
adornada com oliveiras, ervas finas e
encantamentos ninfomaníacos,
subjugara o rei com a famosa dança vinda de Sevilha.
arqueira ligeira e Amazona feroz,
descendente das hordas de Pentésiléia e
dos amores de Protoé,
inimiga juramentada
do mentiroso Apolo e
do irascível filho de Tétis.
Tu, com férreas mãos
em negro mármoreo esculpiu o célebre
Dorso do Minotauro.
Magnífica fera escultórica,
irmão de fazer inveja aos filhos do barro e da argila,
com boca de amante e olhos de besta
teu dorso, banhado de sangue,
é motivo de poetas.

II

“!Salve, demônio mudo!”

Ignoro,
teu lúgubre ronco,
teus córneos marfins escarlates,
tua ânsia carnal,
tuas garras de Harpia,
tuas presas de carniça,
teu asco de macho taurino,
tua origem no rebanho real,
teu dorso entalhado em nobre pedraria,
e te talho,
e te cravo,
n’época de Tauromaquia,
meus rudimentares
Aprestos para matar.

III

Com mãos hábeis,
afiados apetrechos e
atividade rotineira de especialista,
o dorso abatido na semana
anterior à rósea festa,
destinada as esposais da luxuriosa guerreira,
fez-se manto de couro cozido, curtido e
magnificamente, esticado.
Exposta,
tal qual moça que desabrocha em primavera de carícias,
a chifruda cabeça,
taxidermicamente ajeitada,
enfeita o hall de entrada
num espetáculo quase mitológico.



O RAMO DE MAMÃE

Cum punhadinho de terra
da beira do *Bahr al-Jabal*
e uma sementinha de nada na mão,
o Pai,
depois do tempo da *Jahiliyyah*,
criou uma árvore
que rompeu a pedra bruta e
se dividiu em dois ramos.

Diz a *Escrita* que:
dum lado, à direita,
do lado banhado pela luz,
seguiu o ramo de papai,
doutro, à esquerda,
do lado que é torto,
seguiu o ramo de mamãe.

No *Sudd*,
após três meses de caminhada,
papai
tomou e par-
tiu o ramo de mamãe,
afogou na charneca a parte do torto e,
com violência, pedindo ao Pai o perdão,
o uniu com o dele.

O ra-
mo de
ma-
mãe
mor-
reu tímido e frágil
sob a sombra forte
do ramo de papai.

eu sou o único fruto
do ramo de mamãe,
assim,
amo o som Alaúde,
anseio pelas histórias
da Princesa e do Sultão,

e adormeço quando escuto
as Sentenças de papai.
Tenho a marca do torto, aos olhos do Pai –
pai
Nasci meio podre.
“Sou o fruto podre do ramo cortado!”

SOB O “SIGNO DO CENTAURO”

Sob o “Signo do Centauro”,
dois goles de cerveja amarga com alguns falaciosos
amigos. O cigarro a queimar a ponta encardida do
dedo marca o ritmo da conversa,
conversa de bêbados, conversa jocosa,
travada por inaudíveis palavras
na soberania do balcão
com a dureza dos gestos.

No trote da volta pra casa,
sob a chuva que antecipa o outono,
uma lembrança dos sabores pascais
a conservar o seu rastro
na louça suja sobre a pia da cozinha
fornece-me abrigo.
Porcelana para dias festivos trazida da China
em grandes caixotes forrados de palha seca,
vendida aos gritos no Mercado Central

...

Existe uma doçura secreta no sal
a temperar os fígados e os jilós fritos na chapa
que me faz confundir saliva com chuva

...

Cantarei, cantarei, cantaremos
o aproximar da derradeira visão,
quando a Mística nos revelar o futuro
que se acumula na borra do café?

Leonardo Chioda

São Paulo – SP

É natural de Jaboticabal, São Paulo. Escritor e leitor de imagens, é graduado em Letras pela Universidade Estadual Paulista. Estudou literatura italiana, história do teatro e poesia portuguesa na Università degli Studi di Perugia, na Itália. *Tempestardes* (Patuá, 2013), seu primeiro livro de poemas, integra a Coleção Patuscada, ganhadora do ProAC 2012. Tem poemas traduzidos e estudos sobre literatura e simbologia em diversas publicações virtuais e impressas. É um dos principais expoentes do Tarô no Brasil. Vive entre a capital e o interior.

uma confissão obscura

uma vez me meti nas esquadras dos intelectuais
foi depois de perder o verso primogênito para uma varíola
tão assassina quanto a própria vida pura
durante o luto afirmei de modo categórico — não — a respeito da
incapacidade
de lembrar palavras

palavras de qualquer poema que escrevi
e tenebroso — inconsolado e quase príncipe — ao astro negro de Nerval
disse a todos os forçosos que as palavras não podem ser
carregadas de um ângulo a outro sem perder a força
que as conecta à terra

eu que ergui com coragem a serpente intrusa
sentindo o peso do temporal
o volume indignado de bilhões e bilhões
notei que as esquadras eram mais sólidas
que os intelectuais — vários a caminho do nada absoluto

aprendi: é uma engenharia
e novos e ignorantes serão velhos carcomidos
que nenhuma frescura será perdoada
que nenhum trejeito ou incapacidade real de tema e revérbero
ganhará o perdão dos justos

mas não há muito de justo num escrito que nos revela
e se estive abertamente no antro de estrelas ou equívocos
foi para levar um ramo de treva
a quem acredita na inocência da métrica
livre como uma teoria sobre a colina

terrível é o meu dorso — e são garras apertando mãos quentes
e plumas e musgos e o vinho incrível da memória
uma confissão obscura a quem se expande no rito da leitura
a pura câmara do espelho inescrito
louco criado em pátio
a sangue caderno e aldrava

agora e na aurora da linguagem

ao poema não interessa questões prioritárias
de uma legibilidade

que o raia parta quem o lê
e quem o deixa

o poema zanza pelos estados da matéria
porque é um peixe primordial: reconhece a extensão
do tanque como sua grandeza e matéria — aquática feito a glória
mãe em totalidade

e rainha de si é a letra da nitidez
mas de mim é o ilegível que se vê continuamente
a passos de polvo
a dons de estátua e profecia

e então essa narrativa terrivelmente gástrica
e esses cabos de pérola que trespassam os seios
a abundância do almoço nos arredores do município
os anéis de prata em cada esquina
a confusa prolífica sessão de virtudes lavradas pelo espírito original

o poema se deleita no paraíso em quartzo constante
na presença crescente
na vênua gelada dos meus mortos
agora e na aurora da linguagem

e come-se poemas porque faz bem
e me fortaleço de acordo com o mau gosto
da imagem sem esforço dos títulos fáceis

mas até da pureza da palavra se extrai outra matéria
mesmo o que enoja me oferece algum crótalo costurado à mensagem
um novo rosto — limpo e recomeçante — ao poema
um tempo inatingível de fruta número e estrada



© Oskar Kokoschka

jardim das delícias

no meio do dia as folhas brotando do peito bruto
uma convergência entre o interior das coisas
e a tatuagem da seiva

tema que inaugura a rotina com requintes de crueza
as varandas de lembrança
a pétala
o zênite no mel do tempo

vaga o quintal em que a mãe esperava o marido
espectro na vasta terra haja vista
do profundo da casa — o fruto o nácar
onde caibam as árvores louvando em nitidez
a infância as mãos dadas em ciranda ao sagrado:
a jabuticabeira
senhora testemunha das aventuras inacabadas
os olhos galhos ventando os minutos da inocência
a performance da terra
as magias

incensa o portão — há heras incrustado e esquecido
no lodo dos lavores e palácios: a vida natural da figura
a frente dos pórticos
o revérbero — um redemoinho imaginário
então revê a fábula concebida na fonte do menino
pela métrica do destino
logram as nascentes e não secam
feito enigma de tempo e água

grata a musa
fécula de um pátio intransitável
a linguagem do mármore celebrando a tarde — o áureo o rubro
as folhas da onipresença

no meio do dia os símbolos — o folclore palpável do jardim
todos eles ladrilhados sob a cor do eterno

poema semifinalista do *Mapa Cultural Paulista 2014*

uma vida negociada a madre pérola

em solução pútrida de rotina emerge o dorso ilustre
a vida galvanizada
a pedra puxada a cavalo

uma carroça desembesta a ponto de matar o tempo
na velocidade da coerência
no respiro supérfluo a galope
a vácuo a pensamento terrífico: uma ternura ilegal

certa que é uma vida negociada a madre pérola
vendida por nada no mercado negro — livre
apenas enrolada em papel pardo
feito um coice
um juramento suburbano

a olhos dados
a dentes vistos

vida jugulada
espora de prata tratada a sangue
por toda a têmpera

atentado ao rumor: lírico
o estreito cavalgar desta língua
também decomposta
vernácula vida vivida regada a ametista

tábua colocada a relincho
aparelho sonoro absurdamente doce

e é uma vida vulcânica que me esgarça o trajeto

equino de ouro massivo
ouro do mais caro em brasa pura

em estábulo coerente [à vida que perdura]

oh animal de poder
desde a crina até o louvor etimológico
indagando a maestria

quem me dera um poema

quem me dera um poema
todo nítido e cortante quanto a mais antiga
cena da água

poema em boro — elemento egeu ☒
de concha fina a lasca abrupta ☒
um poema puro ☒
tão real tão propício para enfiar ☒
debaixo das unhas

quem me dera um camafeu escrito a gozo
— iguaria de estrutura inquebrável
entre pátio e vertigem
triangular no quadril
no pão cotidiano das fúrias

quem me dera os poemas se conhecendo
e trocando fluidos entre sítios
da polpa rosácea do nascimento à ruga confirmada do obituário
— uma das invenções mais oportunas

quem me dera um busto
um joelho que colonizasse o novo mundo

rei ouro empunhando sol negro

rei negro assumindo ouro carregado de sombra
rei sol emergindo de orgasmo rubro
rei ouro empunhando sol negro – cubo dilatado à testa
um bálano para a fotografia
uma origem ao silêncio do órgão oceânico

rei que reúne o corpo da lembrança à pele penélope da glória
aquele que outorga o nervo com um cetro de sal
e o que se sabe de um rei é sua cronologia
um dorso extenso de cerimônia e sacrifício
entre grito e câmara iniciática: o soberano verme de política
e um método arrojado para castrar o texto pai

de um rei se sabe a núpcia
os terrores da rainha – a radiância da fera imolada
e sei de um rei que viola seu próprio augúrio
seu sangue é coroado – fluido e espesso e dicionário para a vida
cada dia derramado
um sangue que não se envenena

de um rei se tem os degraus
e daqui se vê o músculo no vinho
o rosto negado ao triunfo o discurso regado a rosa

ave glande excelsa

de um rei se tira força e estilo
o dom de principiar vingança [a máscara da morte pura]
o sêmen o sol e toda a pureza negra dos olhos
símile na hora
e na flora do fogo
até que os ossos sejam a ciência majestosa
do próprio mito

fístula dissertada no escombro
régulo queimado vivo

os poucos poemas no coração

fodido às custas da livraria
tormenta da imaginação pontuada em papel pólen
de excelente gramatura

pontas afiadas cada vez mais
e mal remunerado
um boleto gerado na expectativa de sucesso — como se houvesse glória
além de ser lido na pressa

a tentar o pódio dos editais
e qualquer contrato
em nome da flora literária
a nova e avulsa
a safra impensada de livros que tomam as prateleiras particulares

os poucos poemas no coração
e querer ser reeditado
e convidado de honra no olimpo
e o prazo para retirar o prêmio

e mais nada

mas e o pagamento do poeta
este cortesão no inferno
dos sebos

um sítio de sangue
e a poeira mais íntima acumulada no peito: um pântano
vigiado pelo senhor do esquecimento

metaminoica

18

o amante que um dia abandona

uma hora volta

[e vai aos pedaços para a panela] — frisa a mãe antiga dos seios corais

o vaso pélvico na profusão do terraço

27

as armas brancas

o clã dos textos gozosos

esse sorriso helicoidal por toda a areia

44

todo esse cuidado

tomado para não se deixar levar

pela beleza do caminho

entremeio

HILDA

HILST

traços da memória



Todo material reproduzido nesta seção é do
Arquivo do Instituto Hilda Hilst

O PROCESSO CRIATIVO DE HILDA HILST

Por Mariana Payno

“Quando esses detalhes surgiam, giravam sobre o negócio que a nova geração agraciara com o termo unissex de ‘chupar’.” Hilda Hilst circulou o trecho no livro *Um mês só de domingos*, de John Updike, e escreveu ao lado, a caneta verde, “Lori Lamby”. O procedimento se repete em muitos dos três mil volumes de sua biblioteca, agora higienizada e catalogada pelo **projeto Sala de Memória Casa do Sol**: além de destacar frases interessantes e tecer comentários sobre as obras e autores, Hilda deixou várias pistas de seu processo criativo entre os livros.

Um dos exemplos mais fortes é um rascunho encontrado em *Esboço da Teoria das Emoções*, de Jean Paul-Sartre. O trecho é curiosamente um esboço de várias ideias que nortearam a produção hilstiana nas décadas de 1970 e 1980. Os três primeiros versos estão não só na epígrafe de Axelrod em *Tu não te moves de ti* (1980) como em uma entrevista concedida ao *Jornal da Tarde* no mesmo ano, observa Leusa Araújo, pesquisadora e amiga de Hilda. “Ela própria cita os versos que partiram daí”, diz. “Também tem cacos disso em *Com meus olhos de cão* (1986).”

da de
degeneração me
Geralmente, eram necessárias de quatro a cinco entrevistas para se chegar aos detalhes sexuais; as mulheres que davam muita importância a este aspecto geralmente escondiam alguma outra preocupação (a morte de pai ou mãe, a desobediência dos filhos). Quando esses detalhes surgiam, giravam sobre o negócio que a nova geração agraciara com o termo unissex de "chupar". Cabeça e coração, língua e vagina, boca e pênis — que variedade espantosa de melodias era tocada nessa escala de tão poucas notas. Esposas que queriam ser chupadas pelos maridos, e não o eram, mulheres que o eram e o detestavam, mulheres que não se importavam de o serem contanto que não o tivessem de fazer, mulheres que gostavam tanto de chupar que seus clitoris pareciam realmente estar, como o da estrela de cinema sardenta dos filmes eróticos, no fundo de suas gargantas. Em algum lugar, no meio dessas justaposições e seu "afeto" violento, estava circunscrito um mistério americano, relacionado com o *conhecimento*, com a aceitação do corpo pela alma, com a recuperação de parte da bagagem perdida na travessia do Atlântico, com alguma emoção vital diante da indignação da encarnação, com alguma estranheza monstruosa e maravilhosa que os genitais femininos e masculinos encontram um no outro. Não sei. Talvez que a minha própria aptidão, explicada acima detalhadamente com relação às partes inferiores dos bancos de igreja, de "descer" era o que as minhas mu-

Tori
Lambert

*Até que se desfaçam as cordas do sentir. Nunca até quando.
_____ é assim: a emoção dói de um jeito
extremo, o + penoso, o + difícil. Tudo se rompe – LÁ DENTRO Como se
a vida tivesse terminado, entende? Como se a morte não fosse
Esperança, nem nada, eu sem amor – sou NADA Antes da Idéia Antes
DELE, O OBSCURO, Começa a ser. Mas é mesmo a ALMA que está
pedindo alguma coisa? É A ALMA? É igual a minha? Tem parecença?
Existe, irmã? Tudo é apenas a carne besteira? Amanhece de mim? Até
quando? Amanhece de mim. mim?*

Reunidos no que parece ser uma estrofe inacabada, vestígios de outras obras em prosa aparecem nas palavras deixadas por Hilda nas páginas de Sartre. “Ela já havia usado o ANTES DA IDEIA, em caixa alta, em Qadós (1973), no diálogo com o Cara Cavada: ‘repregaram mil vezes mil alguéns que perguntavam o que fazias ANTES, ANTES DA IDÉIA?’. Veja que depois ela vai responder: antes da ideia, o obscuro”, comenta Leusa. “Pelo jeito ela usou essas ideias por todos os lados. Como não tem um acabamento final, sinto que são anotações para posterior aproveitamento, perguntas à la *Diários* de Kafka que depois entram na prosa e na poesia.”

De fato, o inédito encontrado na Sala de Memória antecipa algumas ideias presentes em *Da Morte. Odes Mínimas* (1979), publicado junto à anterior produção poética da autora no volume *Poesia*, de 1980. “Bonito ver como Hilda questiona a morte e a chama de ‘irmã’, como fará depois em *Da Morte. Odes Mínimas*: ‘Porque tu, morte, minha irmã...’. Portanto, ela já estava com estas questões e palavras em gestação”, explica Leusa. “É linda a maneira como ela cita várias vezes a poesia na prosa e vice-versa. Tem um vocabulário próprio, ontológico.”

instancia, favoreciam o inimigo (Maitre Senard, com argumentos que o próprio Flaubert pôs em sua boca, assegurou no julgamento que a moral do romance é: os perigos de uma jovem receber educação superior à de sua classe). Essa derrota, fatídica pelas condições em que se travava o combate, tem arroubos de tragédia e folhetim, e essa é uma das combinações às quais, envenenado, como ela, por certas leituras e espetáculos de adolescência, sou mais sensível.

Mas não é só o fato de que Ema seja capaz de enfrentar seu meio — família, classe, sociedade —, senão as causas de seu desafio o que força minha admiração por sua escorregadia figurinha. Essas causas são muito simples e dizem respeito a algo que ela e eu compartilhamos intimamente: nosso incurável materialismo, nossa predileção pelos prazeres do corpo sobre os da alma, nosso respeito pelos sentidos e o instinto, nossa preferência por esta vida terrena a qualquer outra. As ambições pelas quais Ema peca e morre são aquelas que a religião e a moral ocidentais têm combatido mais barbaramente ao longo da história. Ema quer gozar, não se resigna a reprimir em si essa profunda exigência sensual que Charles não pode satisfazer porque nem sabe que existe, e quer, além disso, cercar sua vida com elementos supérfluos e gratos, a elegância, o refinamento, materializar em objetos o apetite de beleza que fizeram brotar nela sua imaginação, sensibilidade e leituras. Ema quer conhecer outros mundos, outras pessoas, não aceita que sua vida transcorra até o fim dentro do horizonte obtuso de Yonville, e quer, também, que sua existência seja diferente e excitante, que nela figurem a aventura e o risco, os gestos teatrais e magníficos da generosidade e do sacrifício. A rebeldia de Ema nasce desta convicção, raiz de todos os seus atos: não me resigno à minha sorte, a duvidosa compensação do além não me importa, quero que minha vida se realize plena e total agora. Há, sem dúvida, uma quimera no coração do destino condicionada por Ema, sobretudo se se converte em padrão coletivo em projeto humano. Nenhuma sociedade poderá oferecer a todos seus membros uma existência semelhante, e, de outra parte, é urgente, para que a vida em comunidade seja possível, que o homem

Por isso
é que
acho
que
essa
faz
pouco
de
como
escritor
de
ficção

...

“por isso que acho o Vargas Llosa tão pouco sedutor como escritor de ficção”

[Anotação de leitura de Hilda Hilst na edição de *A orgia perpétua*, de Vargas Llosa] A obra é um ensaio no qual Vargas Llosa mescla memória e erudição para falar sobre Gustave Flaubert e o romance *Madame Bovary*.

Qto ao enfoque
relativo ao
social, à discre-
pância entre
pobres e ricos,
às considerações a
respeito da vitória,
do dinheiro, a
Deusa-Cadela como
dizia Henry James é
raquítico. Qto aos
relatos eróticos de D.H.L.
são hoje hilariantes!

“Qto. ao enfoque relativo ao social, à
discrepância entre pobres e ricos, às
considerações a respeito da vitória, do
dinheiro, a Deusa-Cadela como dizia
Henry James é raquítico. Qto. aos relatos
eróticos de D. H. L. são hoje hilariantes!”

[Anotação encontrada no livro *O amante
de Lady Charterly*, de D. H. Lawrence]

III 5^o 6^a 7^a doses de uísque
 21/ julho 89.
 Ainda não estou bêbada.
 p. 251
 Meu Deus!
 "Mas a paixão e devorava c/ suas chammas conformadoras!"

226! Credo!
 136
 137
 178
 238!
 251!

Ruiu!
 226!!
 p. 66 Importante!
 Sobre o Dinheiro
 Levemente cálida
 inefável e tédida
 e palpitante
 o ressurgir do falo

Página 1: III 5^o 6^a 7^a / doses de uísque 21/ julho 89. Ainda não estou bêbada. / p.251 Meu Deus! "Mas a paixão devorava c/ suas chammas conformadoras [?] /1928 / Ah!

Página 2: 226! Credo! 136 137 178 238! 251! Ruiu! [?] 226!! p.66 Importante! Sobre o dinheiro Levemente [?] [...] cálida inefável [...] tédida e palpitante o ressurgir do falo [Anotações de leitura de Hilda Hilst na edição de *O amante de Lady Charterly*, de D. H. Lawrence]

RECÔNDITOS DA MEMÓRIA

Por Luiza Helena Novaes

A vida é uma questão de remanejamento. As coisas em si não têm vida, é o olho que carinhosamente vai agregando valor, e com isso, transformando o redor.

Algumas pessoas eram treinadas para limpar, catalogar e ordenar todo um escopo de material físico. Porém, as prateleiras e armários eram símbolos de outros cantos escondidos do corpo. Sentimentos, emoções e extravasamentos eram necessários ser discutidos internamente para que a organização do espaço pudesse ocorrer.

Primeiramente, é preciso humildade para suportar as intensas incursões na sujeira de cada um dos livros e a força bruta para carregar as caixas de um lado a outro até chegar ao seu destino final. Negociações com outros seres e outros seres e outras vontades também não deixavam de passar despercebidos.

De dentro, custa mais caro saber julgar o que realmente necessita ter lugar. Já havia escrito e pensado sobre isso anteriormente. Sabe? Aquele livro do crítico de teatro que havia me feito pensar o motivo de todas essas coisas, as vestes que tiramos e colocamos até o derradeiro dia, e esses personagens.

Como faz para caminhar de maneira orgânica sem carregar do todo o excesso, sem pedir ou precisar mais do que o devido? Custava olhar

para os supostos donos da coisa para entender a ganância da casa de cada um de nós, onde a nossa luxúria deveria ficar travada entre uma e outra prateleira denominada deslizante. (Quantos presentes havia ganhado e quantos outros havia dado.)

Não por obrigação ou por falta do que fazer, senão pelo amor como caminho a percorrer. Eram livros e mais livros nas estantes e eles deveriam à noite sofrer uma organização sem que minha presença física fosse necessária.

Todo trabalho humano é um mito de Sísifo, serve como arquétipo de uma esteira de obrigações. Para que foi mesmo que viemos até aqui? Que outras perguntas deixaram de ser respondidas e resolvidas?

A senhora dona do arquivo, poderosa poetisa plena e consciente de sua importância e poder, havia caminhado por entre as mesmas pedras que eu havia de trilhar, e essa mesma senhora tinha dons estimáveis. Poderia descrevê-los, porém creio ser dispensável.

Os cães que a casa habitam eram espíritos dos mesmos cães que a casa já habitaram. E aquela mulher, a senhora que todas as noites se deita na mesma cama, ela também poderia ser simplesmente parte da nobre alma da escritora, agora encarnada em uma pintora graciosa.

Brincava internamente, divertia-me por consequência sozinha. Cá eu sei de minhas malícias e interesses, a mim já me bastam as minhas misérias, mentiras e maldades pra decifrar. A cada um segundo sua luz, repensando o materialista. Isso também passa, assim como a tal da dialética.

Se estamos sempre discutindo com os nossos contemporâneos e com quem veio antes, terei de dizer muitas e muitas páginas para descrever tudo que já corri com os olhos e todos autores que, como eu, já foram olhados com olhar atento de criança, pura e inocente, até segundo chamado.

Nos recônditos da casa havia ainda as árvores e um jardim que vivia dando problemas, inclusive o próprio jardineiro que deveria se aposentar e pacificar em vez de esperar a horta frutificar. Avaliava. Porém, ele sempre chegava bem mais cedo do que eu e saía bem mais tarde.

Sempre. Sentia-me como madame que só faz suas vontades e nada segue do horário que materialmente os homens estão condenados. De fardo, só o interno pra organizar claramente. Era um esforço transcendental.

Havia também “a Árvore”, se por espécime gosta de classificação, Figueira é o seu nome, e sua função energética é cumprir desejos e sonhos. Vejam, meus caros, alguns personagens acreditam em lâmpadas mágicas e outras espécies de adornos de eventual aura de realização de vontades. Creio que pessoas mais conectadas a forças da natureza podem, sim, carregar a esperança de que uma árvore seja realizadora da esperança. É preciso saber esperar. Faz parte dos ensinamentos que a escola ainda não soube como controlar dentro do organismo, completamente condicionado a viver de forma mecânica em sociedade.

Percebam, de quando em quando algum doce lhe é ofertado para que o paladar possa continuar sendo adocicado pelas dádivas. Havia conversado sobre missão e de quando em quando sentia de novo isso voltar à tona.

Para chegar às prateleiras, esses livros haviam passado por minucioso exame de seu estado de conservação, posteriormente por uma limpeza superficial, um a um, catalogação e, agora, encontravam-se em ordem alfabética por temas escolhidos a dedo. Não sei se concordava com a classificação, porém eles, os livros, não reclamavam seu correto lugar. As dúvidas eram somente parte fundamental da falta de confiança de que tudo estava dentro do plano preciso a ser traçado.

Gostaria de deixar claro que todo meu esforço atual caminha precisamente para conseguir permitir que você seja você, sem limitações e, principalmente, violência ou agressão, em liberdade, ainda que essa seja uma daquelas palavras auspiciosas. Os livros também, deixá-los ser quem são.

Como faz pra que o simples seja simples e pronto? Sem processo.

SURPRESAS NO QUARTO DE HILDA HILST

Por Mariana Payno

Duas técnicas em arquivística, alguns pincéis, cola e papéis especiais, cerca de três mil livros. Assim começaram os trabalhos da Sala de Memória Casa do Sol* no primeiro semestre de 2015. Criado para organizar o acervo de Hilda Hilst e de outros artistas e escritores que fizeram parte da história da Casa, a primeira fase do projeto concluiu a higienização e organização de 3.125 volumes. Grande consumidora de literatura de todo o tipo, da mística à ficção, da filosofia à poesia, Hilda Hilst fez de suas leituras parte de seu processo criativo — e é no meio dos livros que surgiram as primeiras surpresas da Sala de Memória. Exatos 1.661 deles têm alguma intervenção de Hilda ao longo das páginas.

Grifos, observações e até escritos inéditos da autora estão derramados entre as palavras de Vargas Llosa, Beckett, Baudelaire e Borges, entre

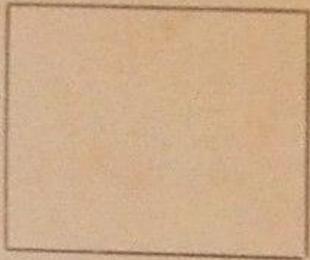
outros. Uma série de ilustrações nunca publicadas se encontra no canto das páginas. Além disso, foram localizados originais de obras, como *Rútilo Nada*, *Tu não te moves de ti* e *A Obscena Senhora D*. Dez cartas inéditas de Clarice Lispector para o escritor José Luis Mora Fuentes também estão entre as primeiras redescobertas do acervo. A próxima etapa do projeto prevê o mesmo processo de ordenação desses documentos: agendas, desenhos, originais datilografados, bilhetes, listas, fotografias, rolos de filme super 8, discos de vinil.

Para receber a Sala de Memória, a Casa do Sol passou por uma série de reformas, atendendo a todas as necessidades técnicas e conceituais da preservação documental. Aliás, a Casa em si é a primeira grande peça do acervo de Hilda Hilst, já que foi desenhada e construída por ela com o objetivo de produzir literatura. Mais do que morada sagrada da escritora, a Casa do Sol, palco da criação da maioria de seus livros, é protagonista de sua obra.

O antigo quarto da autora foi o cômodo escolhido para abrigar a Sala de Memória, o arquivo deslizante e os armários especiais para conservação de documentos e fotografias. Por ser o coração da Casa do Sol, é o lugar que guarda também a memória imaterial. Houve muito cuidado para não descaracterizar o espaço: as paredes, incluindo aquela com as fotos das referências intelectuais de Hilda, a lareira e o armário continuam intactos e preservados. Em meio às folhas amareladas, o Espírito da Coisa espreita o cuidado de olhares novos sobre papéis antigos.

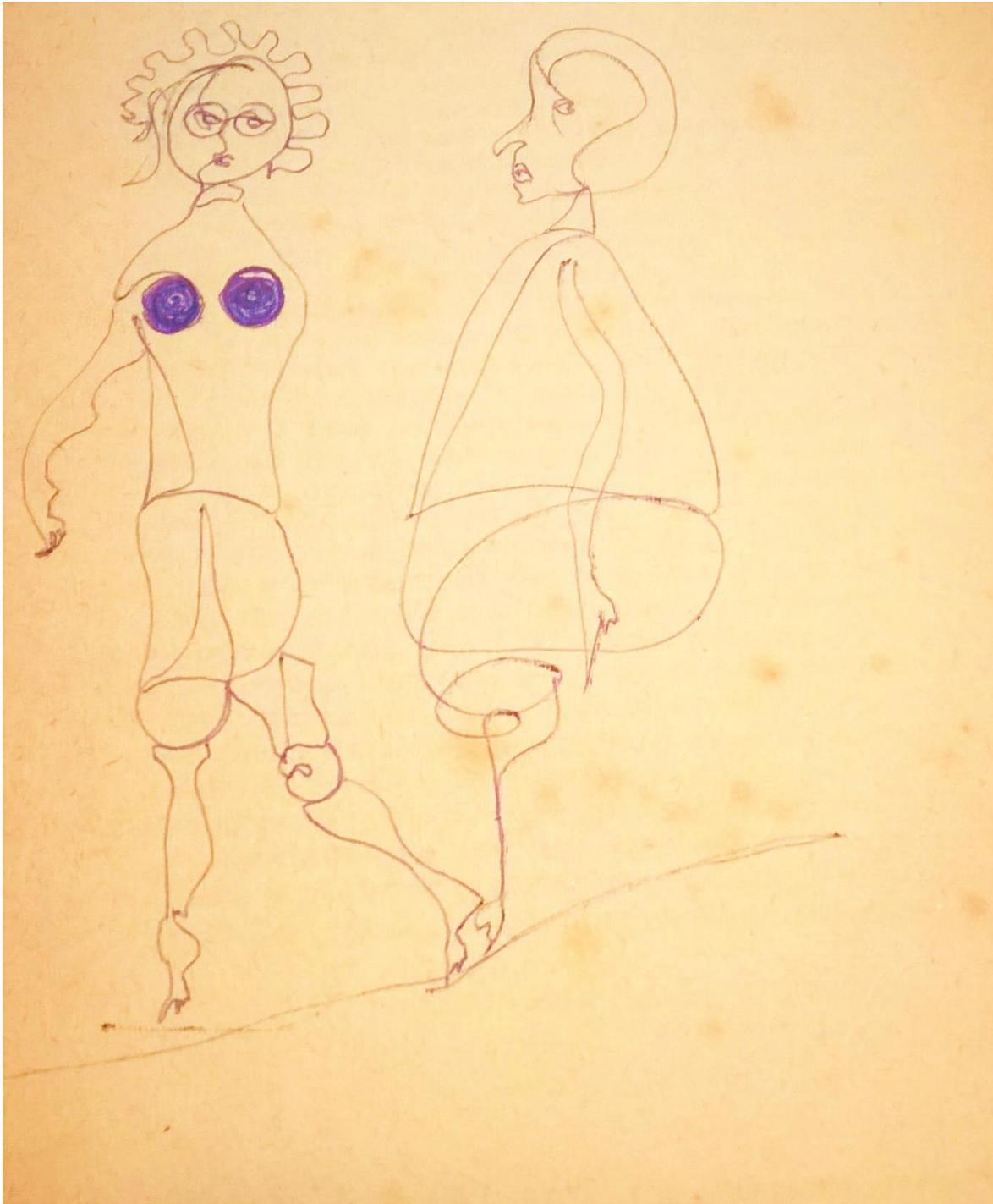
**O projeto Sala de Memória Casa do Sol tem apoio e patrocínio do Itaú Cultural, através do Programa Nacional de Apoio à Cultura.*

CARTE POSTALE



Éditions BUCHET/CHASTEL
18, rue de Condé
F. 75006 Paris
(France)



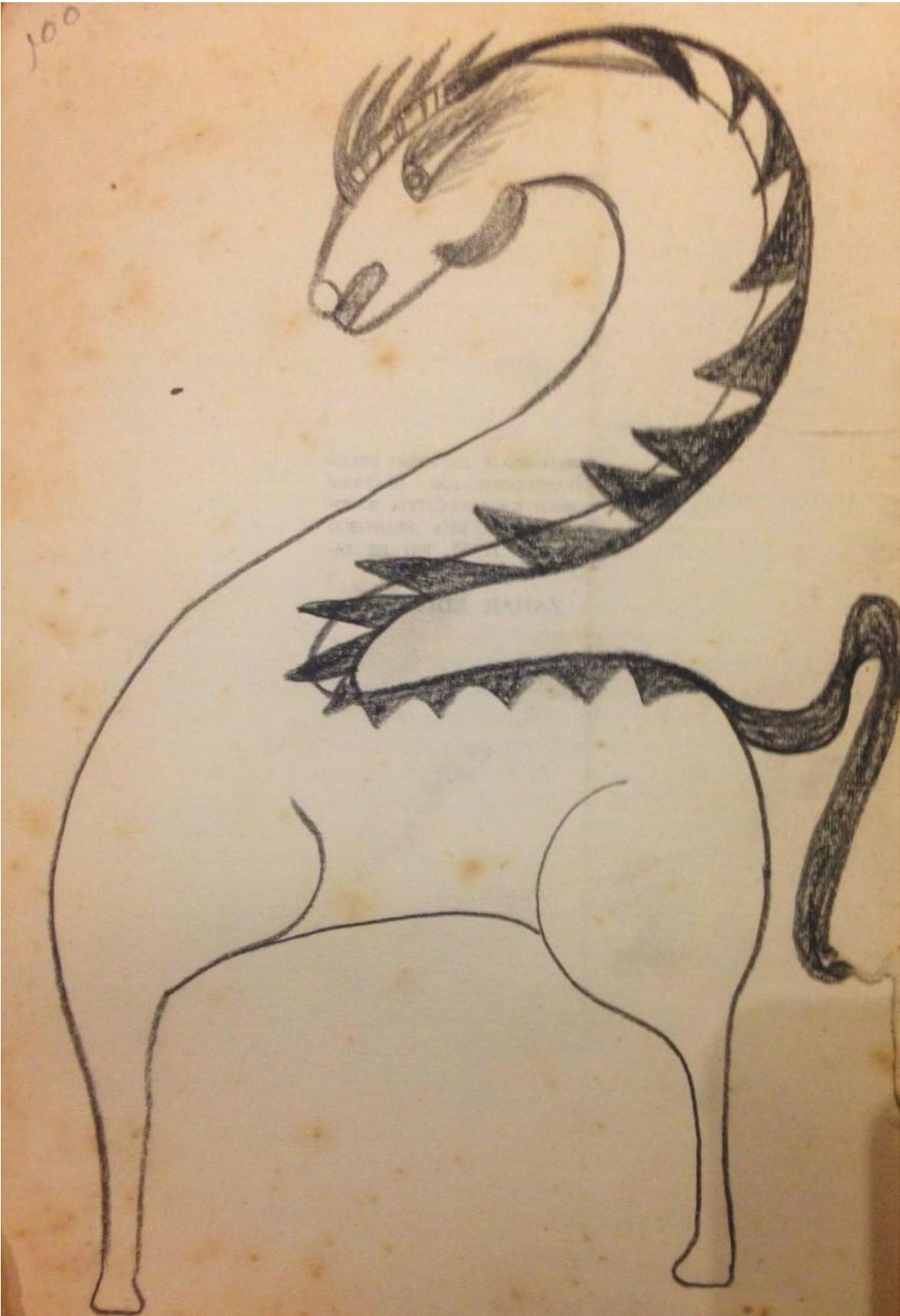


Desenho encontrado numa edição de *Point de Fuite*, de Peter Weiss.

Na página anterior: Desenho encontrado num livro de Jung.

Na página seguinte: Desenho meio mitológico encontrado numa edição de *A análise da mente*, de Bertrand Russel.

100



Devo voltar à luz que me
penetra

De poeira e comecos?

Devo voltar ao barro e às
nãos de vidro /

Que satisfazer me poderiam?

Devo pensar o livro (a náda
Sombra)

À luz das embocaduras?

As finassas de um canto / além

a mesa de a fua

- Estágio de posse no livro
fundado à rima poética

ou galeto

Os finassas?

Seus aspectos? ^{Até Sansão,}
de águas? Que calafrio,
sua náda, e que

Amigo Solista

para o fim

para a ^{como seu nome} ~~aparência~~

de sua alma

infinito

Devo voltar à luz que me pensou
De poeira e começos?
Devo voltar ao barro e às mãos de vidro
Que fragilizadas me pensaram?
Devo pensar o louco (a minha sombra)
À luz das emboscadas?
Ai girassóis [?] / sobre
a mesa de águas.

- Estetizante, disse-me o louco
Grudado à minha poética omoplata.
- Os girassóis? Ah, Samsara, teus esquecidos sois. Uma mesa
de águas? Que volúpia, que máscara
E que ambíguo deleite
Para a voracidade de tua alma.

[Manuscrito original de parte do poema "Via espessa" escrito no volume *O Castelo de Axel*, de Edmund Wilson]

Deus?

É quase sempre
um canalha no
escuro mas pode ser
algumas vezes um
sorvete de cerejas
depois de algumas
horas de deserto.

Deus? É quase sempre um canalha no escuro mas pode ser algumas vezes um sorvete de cerejas depois de algumas horas de deserto. [Original de texto publicado numa das edições da revista *Planeta*]



POETAS E POEMAS

Yasser Jamil Fayad

Campos Novos – SC

Graduado em Medicina pela Universidade Federal de Santa Catarina; militante da causa palestina e autor do livro de poesia *Nosso verbo é lutar. Somos todos palestinos.*

PERGUNTAS E RESPOSTAS

*Meu pai morreu ontem
E o enterramos no exílio
Deixou-me uma foto
E uma história sobre a dignidade da juventude
Viveu em ti e morreu no exílio
Ele me infundiu teu amorem que
E esta saudade poderosa.*

Salim Jabran (1947), poeta palestino.

Quem é você?
Esta é sua primeira pergunta.
Respondo:
Sou o nono filho –
O que chegou depois do verão –
Daqueles pais
De cabelos negros,
Olhos castanhos,
Com o kūfiyyah na cabeça
Que Darwish
Escreveu.

Onde você nasceu?
Esta é sua segunda pergunta.
Respondo:
Nasci no exílio
Em algum campo de refugiados
Em algum lugar do Líbano, Síria, Egito,
Ou em outro país árabe...
Minhas ancestrais raízes são daqui
Sou palestino
Minha terra foi roubada.

Você veio sozinho?
Esta é sua terceira pergunta.
Respondo:
Não...
Além dos outros oito irmãos

Somos mais seis milhões
Quem sabe mais...
Todos em breve chegarão.

Por que veio até aqui?
Essa é sua quarta pergunta.
Respondo:
Vim reivindicar os sonhos –
Aqueles que não só
São meus –
Os de retornarem às nossas casas.

Retornar para onde?
Esta é sua quinta pergunta.
Respondo:
Para a terra a que pertença
Àquela entre Ramallah
E Jerusalém
Ao pé da colina
Na margem esquerda da antiga estrada
Com pomar de laranjeiras
Plantadas por meu tataravô
De muros de pedra
Feitos por meu bisavô.

A Palestina não existe mais!
Esta é sua afirmação.
Respondo:
Enquanto houver palestinos
Em qualquer lugar do mundo,
Nosso povo permanecerá.

RAZÕES

*Talvez apagues todas as luzes de minha noite
Talvez me prives da ternura de minha mãe
Talvez falsifiques minha história
Talvez ponhas máscaras para enganar meus amigos
Talvez levantes muralhas e muralhas ao meu redor
Talvez me crucifiques um dia diante de espetáculos indignos
Mas não me venderei.*

Samih Al Qasim (1939 - 2014), poeta palestino.

Pelo cheiro da terra nua
Molhada pelas lágrimas
Dos inocentes.

Pelo sangue de meu povo
Que por esses vales
Como rio tortuoso
Escorreu.

Pelos cadáveres dos combatentes
Carregados ombro a ombro
Por essas ruas
Até nossos cemitérios.

Pelos pássaros que voam
Por toda Palestina
Ensinam-nos
Lições de liberdade.

Pelos sonhos de verão
E de inverno também,
Que habitam as noites
Das crianças de meu país.

Pelos milhões de obrigados a partirem
Que ainda cultivam
Desejo sincero
De para casa retornarem.

Pelos profetas do passado
Presentes também.
Que se rebelam

Pelas pernas, mãos, braços,
Amputados pelas bombas
Que não nos deixam
Esquecer.

Por aquela pequena estrela
Que no céu
Em noites escuras
De medo e tristeza
não se apaga
Insiste brilhar em toda Palestina
Milhões de razões
Para continuar
A lutar.

João Grando

Canoas – RS

João Grando é um artista multimídia cuja prática se dissipa num conjunto multiplataforma e dinâmico que orchestra elementos vários, tais como textos, imagens e vídeos. Quando trabalha poesia isoladamente, ela se revela sempre com potência imagética, seja na forma em si, seja na maneira como busca descrever o mundo, isenta do vício na obviedade a que nossa percepção é mergulhada diariamente.

1/2 MORTO_1/2 FUTURO

Nos ombros, Drummond carrega a poesia
Um pomar, um vestido, um cheiro,
uma flor mesmo, o amor, o tédio, o tempo
e eles e nós indefesos, ilesos
pela proteção de sua vigília

É chama, mas é muito sério que não é querida
Era de se evitar pensar e olhar, de qualquer coisa para evitar
Enfiou a caneta no cu e ficou grávido de poesia:
o cara não pára para um café

Robocop leva Detroit nos deltóides.
Não se pode parar um minuto.
É preciso ser metade morto, metade futuro.

Sol
Sól

o retrato todo tons
de cinza
no olhar a matriz
preta no branco

dato que derreteu
o coração esfriou-se torto

o sol jamais viu
uma sombra
apesar de elas todas
irem aonde
ele olha

A imagem congelada derrete-se perto da parte do asfalto

Se fores passear com uma moça e tirares o relógio,
especialmente se for à noite, o tempo durará o tempo
do passeio.

Porém

a manutenção das horas

é útil no dia a dia.

Falar também é útil no dia a dia.

Então, se você olhar e deixar a boca parada

o olhar vai durar

o tempo de olhar.

O vento mesmo é o ar
quando está mais atento
as coisas
E descobre que pode mudar
o cabelo de lugar

a terra é o mar
do mar
(no fundo,
o mar é terra)
o mar é o mar
da terra
há terra por tudo
embaixo do mar
que está em volta
de toda a terra
se se aterra a beira
a metáfora vira plataforma

Ctrl V ñã faz barulho,
mas tem o da tecla, um barulhinho
rasgar o papel faz barulho
olhar e guardar depois lembrar
ninguém precisa saber

eu&vc_no_wc

Ricardo Escudeiro

Santo André – SP

Ricardo Escudeiro é autor do livro “tempo espaço re tratos” (Patuá, 2014). Possui publicações em mídias digitais e impressas: site da Revista *CULT*, *Mallarmargens*, *Germina*, *Jornal RelevO*, *Nefelibata*, *Gente de Palavra*, *SAMIZDAT*, *7faces caderno-revista de poesia*, *Revista Pausa*. Publica poemas mensalmente na Revista *Soletras*, de Moçambique. Participou da antologia *29 de abril: o verso da violência* (Patuá, 2015). Foi poeta convidado no Espaço Literatura da 13ª Feira Cultural Preta, em 2014.

blues de quando a vó e o cão quase

*And I guess that's why they call it
the blues.*

(In: "Too Low For Zero", Elton John, 1983)

sobre e entre sombras

nunca
muito dado ao

eu choro

quando muito um quase pranto
e sempre a desculpa
e sempre o

nada não é só um incômodo

naquele cômodo lá no fundo
luz desacesa
só dela via o rosto
canção que chegava sem
terem composto
pauta
que um no outro desvendava
voz
dela vinha como soprassem
uma gaita de fôlego
consolante no tom sobreposto

vai desaba sem culpa

entreolhavam
no escuro dedilhavam
mão
dada ou no ombro
tremia aquela de escorrer
de desenhar lágrimas dos outros

encontrava enfim
resquício de encanto
morria
por fim o cisco no olho

um conto de fomes

(com os Grimm)

e esbanjava
com comida os trocados
da fada dos dentes

pra mastigar demorava

trunfo de fada
paciente
na mesma mão privatizar
a fome e o pão

kuzuri

tateio
o que não se segura
só isso

e as baratas e os wolverines e os gojiras

sobrevivem
a atômicos ataques

não morre
também
esse animal pequeno
módico
índice de imaterialidades
que levamos dentro até mesmo

sem
essa de

pertencimento

sem
essa de

acredito falar por todos

quando o fora não existe
a ferocidade do renascimento
só de quem já ficou
entre o que pendula e a bigorna

Maria Azenha

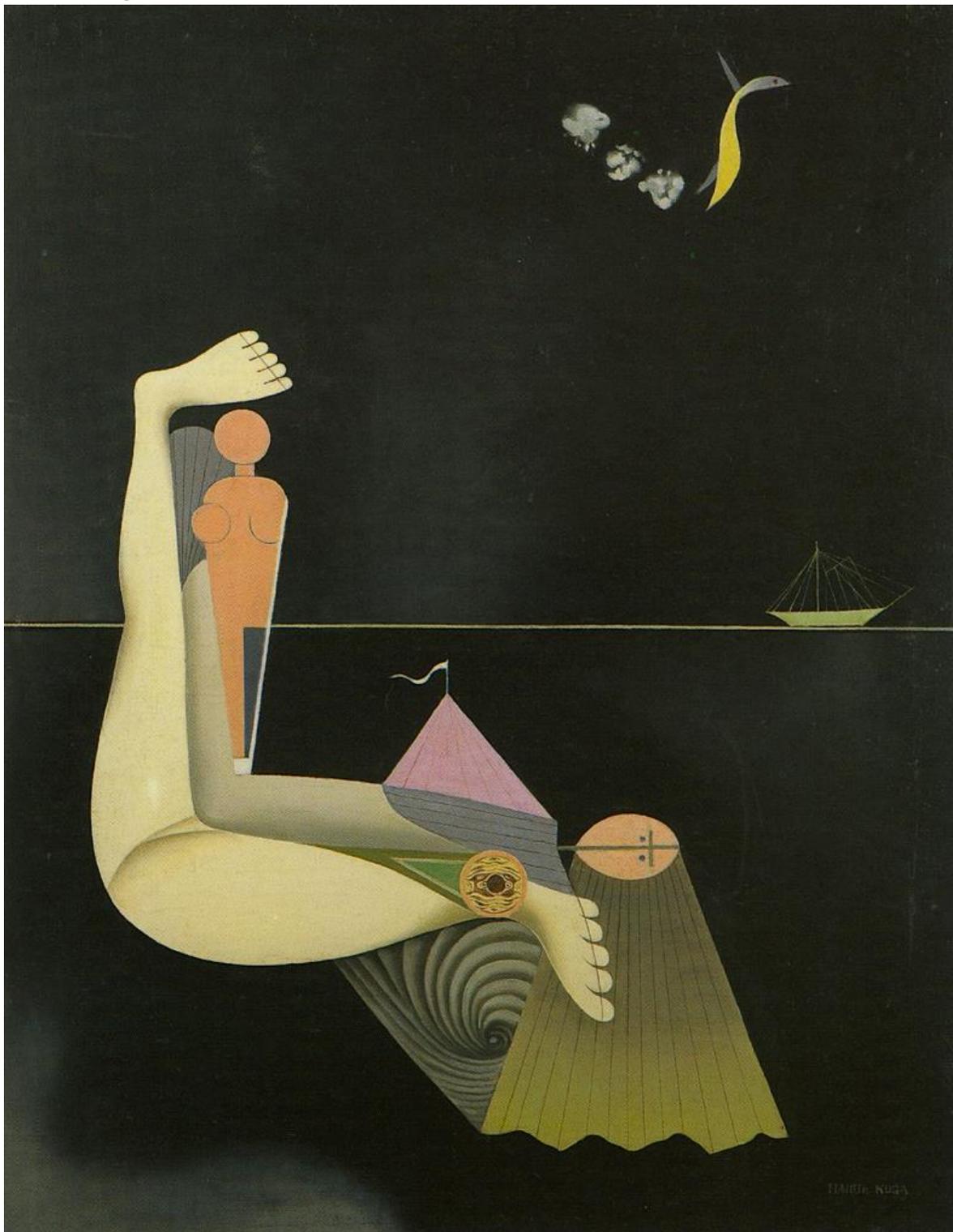
Coimbra – Portugal

Maria Azenha nasceu em Coimbra, no ano de 1945. Licenciou-se em Ciências Matemáticas pela Universidade de Coimbra. Exerceu funções docentes nas Universidades de Coimbra, Évora e Lisboa e na Escola de Ensino Artístico António Arroio. Publicou quinze obras de poesia. As duas últimas publicações referem-se aos anos de 2011 e 2012: *A Sombra da Romã* (Editora Apenas Livros, 2011) e *Num Sapato de Dante* (Escrituras Editora, 2012 – Brasil).

A mão cresce para fora da página_

Vi uma rapariga jovem encarcerada numa gaiola
Tinha sido morta pelos companheiros de escola
Fuzilada por soldados de quinze ou dezasseis anos.
Era feia magra os cabelos negros como carvão
Conheci-a pelo cheiro a sangue
Como um cão conhece outro cão.
No amor e na morte somos todos tão próximos.

© Harue Koga



Harue Koga

Havia um sagrado coração no aparador da sala_

Havia um sagrado coração no aparador da sala.
Ali ficava durante semanas.
Viajava de casa em casa
e regressava sem qualquer beliscadura
à mesma morada.
A mãe dizia-lhe que era para o mundo ficar melhor.
Ela via-se ao espelho e não sabia quem era.
Agora,
Coloca uma taça de água na mesa
Com um livro sempre aberto na mesma página.

Um cientista disse_

Um cientista disse: este poema é meu
Foi bombardeado através das minhas mãos
É filho do esplendor de uma prostituta e de um deus.
O seu ofício é (des)começar
Levar os versos a um estado de inocência.
Então uma criança retorqui: há um verso que bateu na minha mãe
- e ela queria dizer o som por debaixo das nascentes do poema -
Outra atirava pedras aos girassóis e gritava muito alto
Para dentro de um poço com a boca colada ao céu.
- havia um rio muito escuro que corria por dentro do coração -
Veio o poeta e entrou na cabeça da criança
Há frases que elas dizem e são absolutas.

Carole B

Rio de Janeiro – RJ

Carole B. é poeta, compositora e mora no Rio de Janeiro. Faz zines e livretos artesanais com seus escritos e ilustrações, os quais distribui pelas ruas da cidade em troca de contribuições livres.

CONFISSÃO DE CABECEIRA

Tenho inveja dessa água
bebendo a sua sede.
Eu queria estar mais perto
do lençol deserto
que esfria a alma secreta
do seu beijo encarnado
- a língua do poema espuma,
lambe os dedos do meu medo
transforma as minhas tardes
em algum lugar mais cedo,
desperto! -
Tenho inveja dessa luz
derramada em sua pele
- eu, contida escuridão! -
só queria estar no incerto
espaço aberto
entre a distância em que me agarro
e essa brisa doce
que sai
do seu cigarro.

desterro

a fumaça
estrábica
já não descerra
portas.

nunca mato
o filho
que deixou
de nascer.

o medo cirze
meu pulso
pelo avesso
da pele -
a maldição
do sangue inerte
me encharca
o intestino:

solo fátuo
onde ergo
a vala
do destino.

mendiga

recebo
esta ausência
que me rogas.

aceito
este amor
que me tiras.

solidão
não é falta:
é sobra
do que passa.

posso
a perda
me possui
a caça.





Lucas Grosso

São Paulo – SP

Lucas Grosso é professor, escritor e pesquisador em início de carreira. É formado em Letras e defendeu seu mestrado em Literatura Comparada em 2014, estudando Ivan Angelo e Milan Kundera. Já publicou em algumas revistas, e, regularmente, publica seus poemas e prosas no blog *Lucas Grosso, Destruidor de Cenários*.

briefing:

quero um poema
como os pés de uma bailarina
base sólida de dor e anulação
para conseguir um arabesque

quero um poema
como um iceberg
deus imponente e temido
que um dia afunda
mas antes
mostra sua forma-força

quero um poema
como uma luz de um rojão
rastro de fantasia que se admira ao longe
mas que na proximidade
queima

quero um poema
como abacaxi a ponto de vencer
alimento doce e prazeroso
escondido na casca
e que no excesso
dá azia

poesia angélica
que vira as costas pro futuro
enquanto o passado escapa

Ludmila Barbosa

Santos – SP

Ludmila Barbosa, nascida em Santos, no ano de 1986; escreve pequenos contos e poesia desde a adolescência. É dona do blog “O sussurro das coisas raras”. Foi selecionada para ter um conto publicado na primeira edição do livro *Contemporary Brazilian Short Stories – 2011-2012*.

QUALQUER COISA ENTRE A MORTE E A VIDA

Há uma árvore no meu teto, crescendo na expansão do inverno.
Olho-a quando me deito, ela não é uma metáfora,
é carne viva da minha essência se desfazendo para tornar-se outra coisa.
Sequer mantenho os olhos abertos,
mas dentro, um alvoroço se dispersa pálido e inquieto.
A sensação de falta é maior que a presença transbordante.
Minha cabeça é uma inteira explosão
e esses teus olhos de céu noturno
não querem se desfazer da angústia da memória.
Os deuses dançam suas vidas misteriosas
enquanto seus famintos sonhos se esgotam na noite mágica.

Cante pra mim pássaro noturno,
deixe-me reconhecer a voz das estrelas,
grite no escombros da noite ardente
e penetre com suas raízes em meu sonho atordoado.
Pássaro faminto que é flor,
derrame seu perfume entre as pétalas que engatinham na noite,
retire a tormenta de qualquer ausência que aponta a beirada do precipício
e bata suas asas na canção lenta do pequeno corpo.
No mínimo cotidiano uma febre desponta,
junto a uma fome que compreende a fúria das pessoas.
Pequeno pássaro que não tem medo da existência,
seja feroz e bravo
como as correntezas de mares violentados pela presença da lua.
Também não terei medo,
me caberá um hino silencioso correndo dentro das veias,
como uma penumbra imensa no meio da noite.

A morte tem nome e é vaidosa, colhe o que por dentro já envelheceu,
fecho os olhos e a vejo sorrindo,
como vidente esfomeada dançando no ventre da vida.
Tudo o que faço é monstruoso,
esses gestos afetados são todos monstruosos.
O infinito jaz aqui,
na beirada estreita desse quarto frio.
Não há socorro no furor da despedida.
Hoje, a alma é individual e apocalíptica e reina só.



Cesar Carvalho

São Paulo – SP

Escritor e poeta. Lançou o livro *Proesia* (poesia, 2013) e *Toca Raul* (crônicas e histórias, 2014) ambos edições independentes. Além de livros e artigos acadêmicos publicou *Viagem ao mundo alternativo: a contracultura nos anos 80* (Editora UNESP, 2008). Colabora com o *Balaio de Notícias*; coordenou e dirigiu o programa *Estação Raul*, na Rádio UEL FM 107,9 de Londrina / PR e publicou, em 2015, *Conversas na Estação*, novela ficcional em CD, levada ao ar no programa Estação Raul.

zica

o corpo esbelto
os olhos assustados
na boca, palavras tristes
explodem meus ouvidos
vagabundos, putas e bichas
na noite adentro
num bar que não fecha
alheiam-se à zica
da jovem de palavras tristes.
lição para quem
ouvir aprender precisava

chuva

o som da chuva
desritmiza o silêncio
tã... tatã

tã

tã

tatã

tã

ã

ã

ã

ã

borilhandootelhado

Marcos Mariani Casadore

Assis – SP

Marcos Mariani Casadore (1986) mora em Assis/SP, mas cresceu em Matão/SP. Formado em Psicologia: é professor, defendeu uma tese de doutoramento em teoria e história da psicanálise. Coeditou, junto com seu irmão Francisco, a revista literária *Macondo* (edições trimestrais, de 2011 a 2013). Em literatura, publicou *Mínima lista* (poesia, EDUFG, Prêmio Vertentes de Literatura), além de participações em antologias e revistas literárias.

INEBRIANTE

se postar
à beira
do abismo
à espera
da última
rajada
de vento

que sempre
falta

GRAMA APARADA

num verde sem fim
: um bocejo que
pretende ser
infinito
toma pra si
todos os
segundos
da antepenúltima
manhã de
inverno de
dois
mil e
catorze

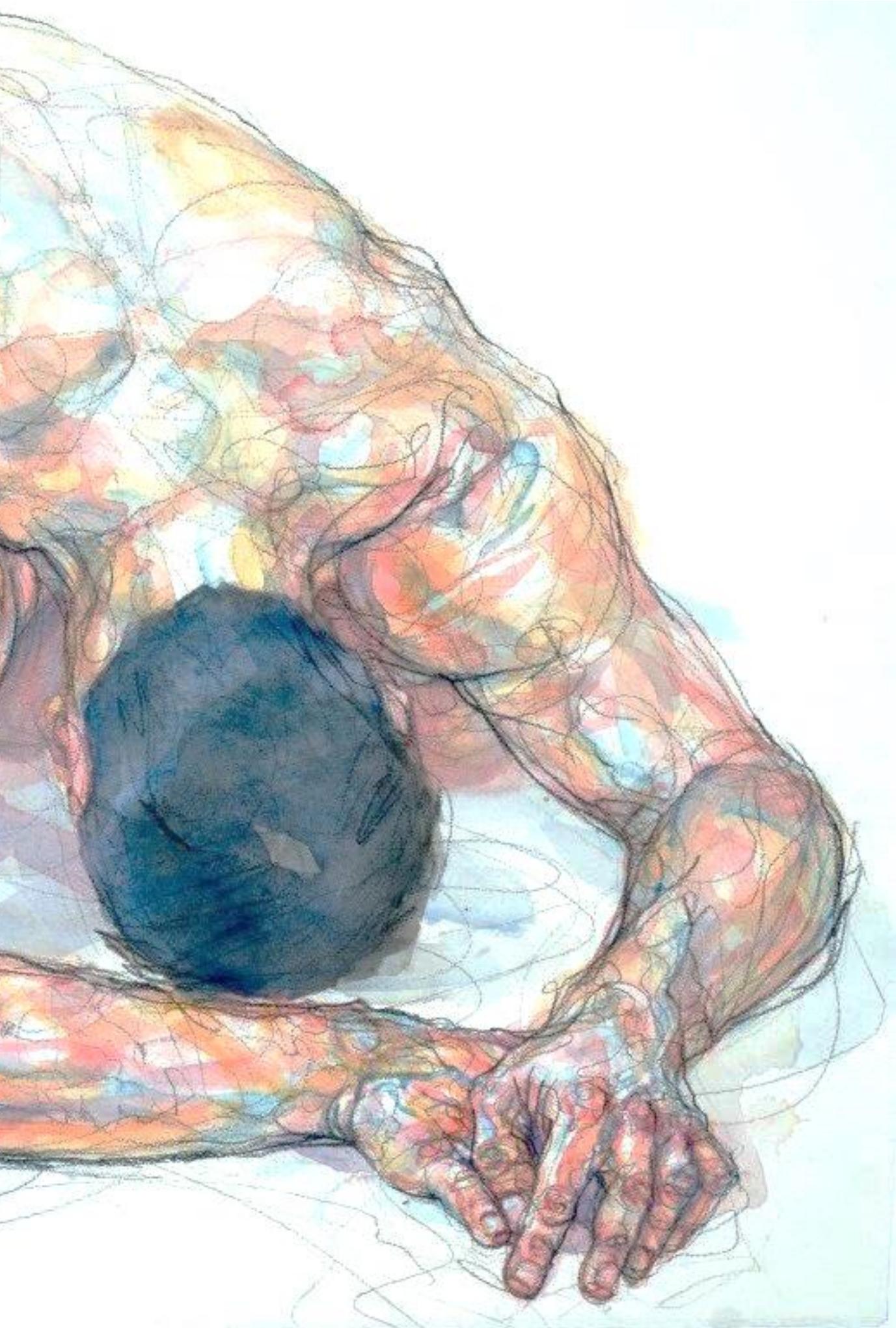
DAS DERROTAS

por mais
que insista
a história
a regra
do mundo
nunca
deixará
de ser o
esquecimento



© Sylvie Guillot

Guillot



Daniel Marchi

Juiz de Fora – MG

Daniel Marchi, 35 anos, é carioca de nascimento. Foi iniciado em *mineiridades* por sua esposa Fabiana, nascida e criada em Juiz de Fora, de onde também é Francisco, o filho do casal. Entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais, procura encontrar a inspiração de sua poesia: em paisagens, estruturas, cheiros, cores, gostos, pessoas e tempos idos. A par de sua atividade como professor, Daniel também cria gatos e Fuscas.

ODE AO FUSCA AMARELO

Cálido amigo com a tez amarela de lembrança
Tu és senhor das ruas suburbanas
Com pedras baldias dentre as quais
Nasce o capim do tempo
Ruas de muros baixos e roseiras
Onde crianças jogam bola
Fazendo de traves um par de chinelos
É por essas ruas que vais assoviando
O barulho de minhas saudades
Inimigo atroz de vias expressas
Da rapidez e do desassossego
Com a memória de pessoas idas
Levadas e trazidas em teu trânsito
Pelas décadas as quais não vivenciaram
Os que admiram tua passagem
Esférica, policromática e absoluta
Dominador do concreto do piso branco
Das novas avenidas das quais acompanhaste
A arte e a transformação
Pisas também o asfalto quente
Que traduz em desgaste mais rápido
Dos rasos sulcos de teus pneumáticos finos
Bem-aventurado fugitivo de curvas fechadas
Célula amarela que cristaliza em lata
Borracha e tinta o rigor dos anos
Herói de muitos caminhos, fáceis e difíceis
Os quais frequentas refletindo
No cromado de tuas calotas
A vibração do mundo em tua volta.

Andreï Ribas

Santa Rosa – RS

Andreï Ribas é autor dos livros *O monstro* (All Print, 2007) e *Animais loucos, suspeitos ou lascivos* (Multifoco, 2013). Ex-advogado. Servidor público. Possui trabalhos reproduzidos nas revistas eletrônicas *Plural*, *Flaubert*, *R.Nott*, *Pessoa* e *Mallamargens*, além de escrever para os sites *Amálgama* e *Homo Literatus*.

PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI

meu poema não foi
o preferido
o mais comentado
quicá vendido

não foi protagonista nem
ganhou estatueta
beijou a artista
legou riqueza

foi daqueles
que a pessoa
mira e esquece
pensa e se aborrece

só estorva e
quase sempre diz não

VONTADE OU MOTIVO OU PRAGA

eu queria ser música
ficar passeando por teus lábios
em assovio desatento
daquelas que não saem da cabeça

eu queria ser muleta
teu score quando ganhasse
teu cais quando atracasse
tua mais preciosa carga na maleta

eu queria ser motivo
dentre tantos outros pra que
voltasse
repensasse, sucumbisse, ficasse
ser o amor-da-vida
ser o ódio-rancor-ferida
sem medida

fazer teu coração saber pra que serve
quando uma foto, fala, pessoa de nós
conhecida
te dissesse algo da minha ira

eu queria ser o primeiro e talvez o último
pensar no(s) teu(s) dia(s)
ainda que nada adviesse de teus atinos
queria ser presença invisível, daqueles
atos falhos que (in)conscientemente
tu não dissipas, eu queria

REPLAY

fosse simples
como 2+2
eu largava
não registrava
andava sem voltar
o pescoço, isolava
n'algum catre
extirpava

fosse inócuo
fosse nulo
fosse inodoro
pudico
riria com desprezo e escárnio

contudo eu estaco
e faço de linhas
guardanapo
pra tocar no passado in-
grato

a cabeça nervosa chateia
dita que só disso sei falar
tergiverso e
continuo: certas ações
são fodidas de controlar

e nem quero

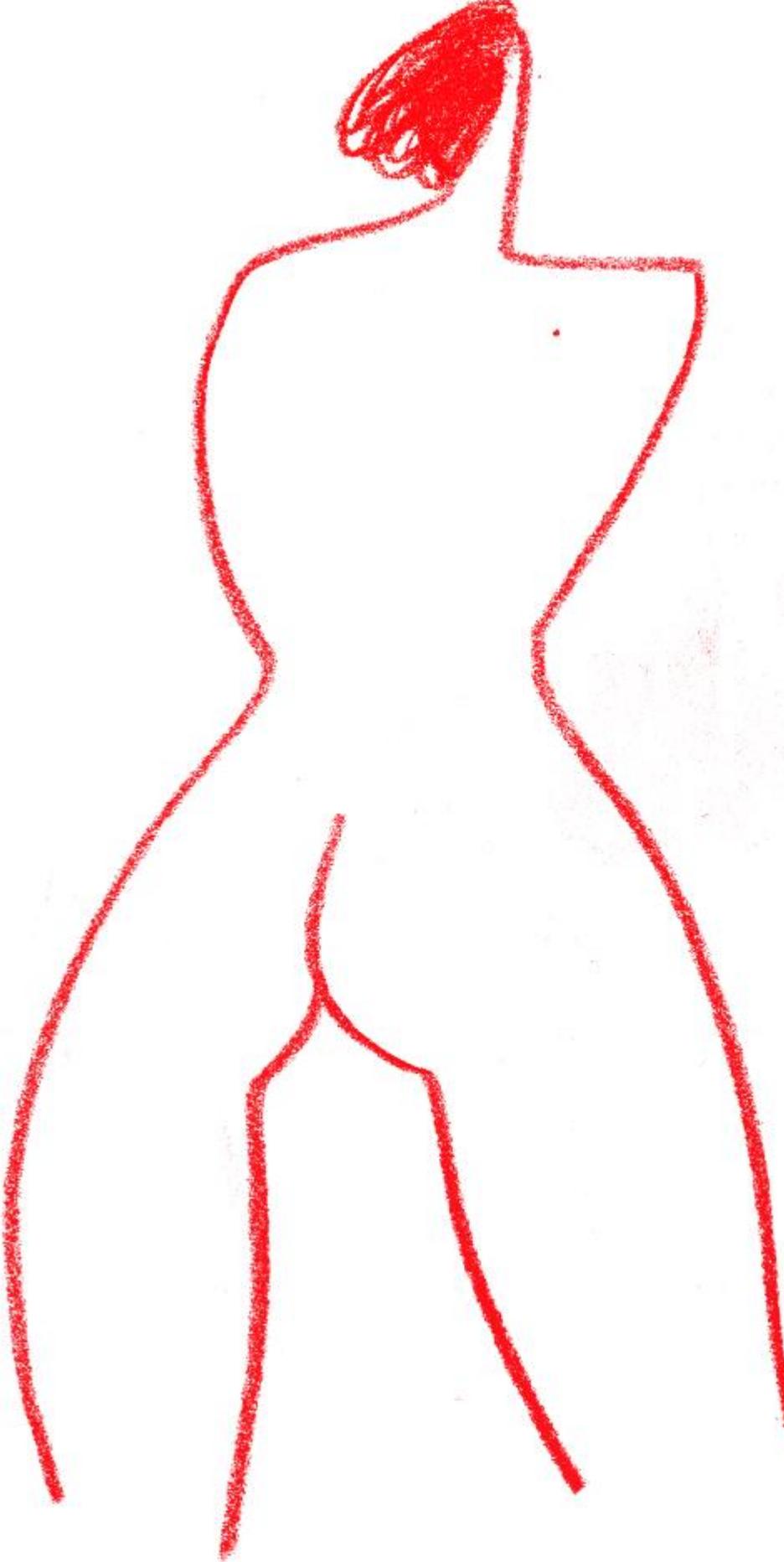
deixem-nos a sós
eu e minha bomba
ela não está prestes
a explodir mas contento
a solidão com seus fios
frios cravados na dinamite
ela é minha amiga
e posso usar dela uma só vez
acabando-nos como começamos
num cataclismo de achismos

deixem-nos a sós
é fardo meu ter que carregá-la
de um lado a outro
fazendo mínimo alarido a cada passo
em falso, cada descuido íntimo
beneficiado pela desculpa forjada
a bomba é minha dádiva
mas se deixar ela com raiva
somos só cacos cacos e risadas

deixem-nos a sós
e panfletem que somos amantes
unidos como xifópagos, selados
na imensa dúvida do que faremos, comeremos, buscaremos
a cada gênese de dia
esculachem que nos merecemos
que não há mais chance pra nós
nós não desataremos os nós
e a vida poderá seguir
indiferente a nossos pós

ONDE?

opaco como o sol
teu rosto
camufla-se em aroma de vulgar
pétala
e cu
nauseante verifico em tese tratar-se de miragem
perco noções básicas de coerência
jogo água no rosto já enrugado
que não desprega
insisto em atizar a memória
ela me foge lenta e tenaz
procuro semelhanças nas fotos já apagadas
da máquina digital
eu mesmo: apaguei-as?
caminha indecisão diante e atrás de mim
rasga tua túnica de verdades
deixa que fique à mercê
de um propósito que confeito



EXUPÉRY

de quando em quando eu, artífice
vejo-me como o pequeno príncipe
sozinho num mundo só meu
porém sem rosa pra cuidar
por pura sorte, que vá, azar
: de tédio canceroso ela morreu
nisso
basta que pegue meus balões de pássaros
e caia aí na Terra inescrutável?
do que anseio darei de cara com os ralos
sugando-me como saída inevitável
não há raposa a cativar
nem outro personagem a coadjuvar
um avião cairá lá adiante
no piloto verei meu semblante





Enfim, o existir não me confunde nada. O que me confunde é a vontade súbita de me dizer, de me confessar, às vezes eu penso que alguém está dentro de mim, não alguém totalmente desconhecido, mas alguém que se parece a mim mesmo, que tem delicadas excrescências, uns pontos rosados, outros mais escuros, um rosado vermelho indefinido, e quando chego bem perto dos pequenos círculos, quando tento fixá-los, vejo que eles têm vida própria, que não são imóveis como os poros de Mirtza, que eles se contraem, se expandem, que eles estão à espera... de quê? De meus atos.

HILDA HILST, FLUXO-FLOEMA

I

Aflicção de ser eu e não ser outra.
Aflicção de não ser, amor, aquela
Que muitas filhas te deu, casou donzela
E à noite se prepara e se adivinha

Objeto de amor, atenta e bela.
Aflicção de não ser a grande ilha
Que te retém e não te desespera.
(A noite como fera se avizinha.)

Aflicção de ser água em meio à terra
E ter a face conturbada e móvel.
E a um só tempo múltipla e imóvel

Não saber se se ausenta ou se te espera.
Aflicção de te amar, se te comove.
E sendo água, amor, querer ser terra.

II

É meu este poema ou é de outra?
Sou eu esta mulher que anda comigo
E renova a minha fala e ao meu ouvido
Se não fala de amor, logo se cala?

Sou eu que a mim mesma me persigo
Ou é a mulher e a rosa que escondidas
(Para que seja eterno o meu castigo)
Lançam vozes na noite tão ouvidas?

Não sei. De quase tudo não sei nada.
O anjo que impulsiona o um poema
Não sabe da minha vida descuidada.

A mulher não sou eu. E perturbada
A rosa e seu destino, eu a persigo
Em direção aos reinos que inventei.

IV

Tenho medo de ti e deste amor
Que à noite se transforma e verso e rima.
E o medo de te amar, meu triste amo,
Afasta o que aos meus olhos aproxima.

Conheço as conveniências da retina.
Muita coisa aprendi dos seus afetos:
Melhor colher os frutos na vindima
Que busca-los em vão pelos desertos.

Melhor a solidão. Melhor ainda
Enlouquecendo os meus olhos, o escuro,
Que o súbito clarão de aurora vinda

Silenciosa dos vãos de um alto muro.
Melhor é não te ver. Antes nada
Esquecer de que existe amor tão puro.

VI

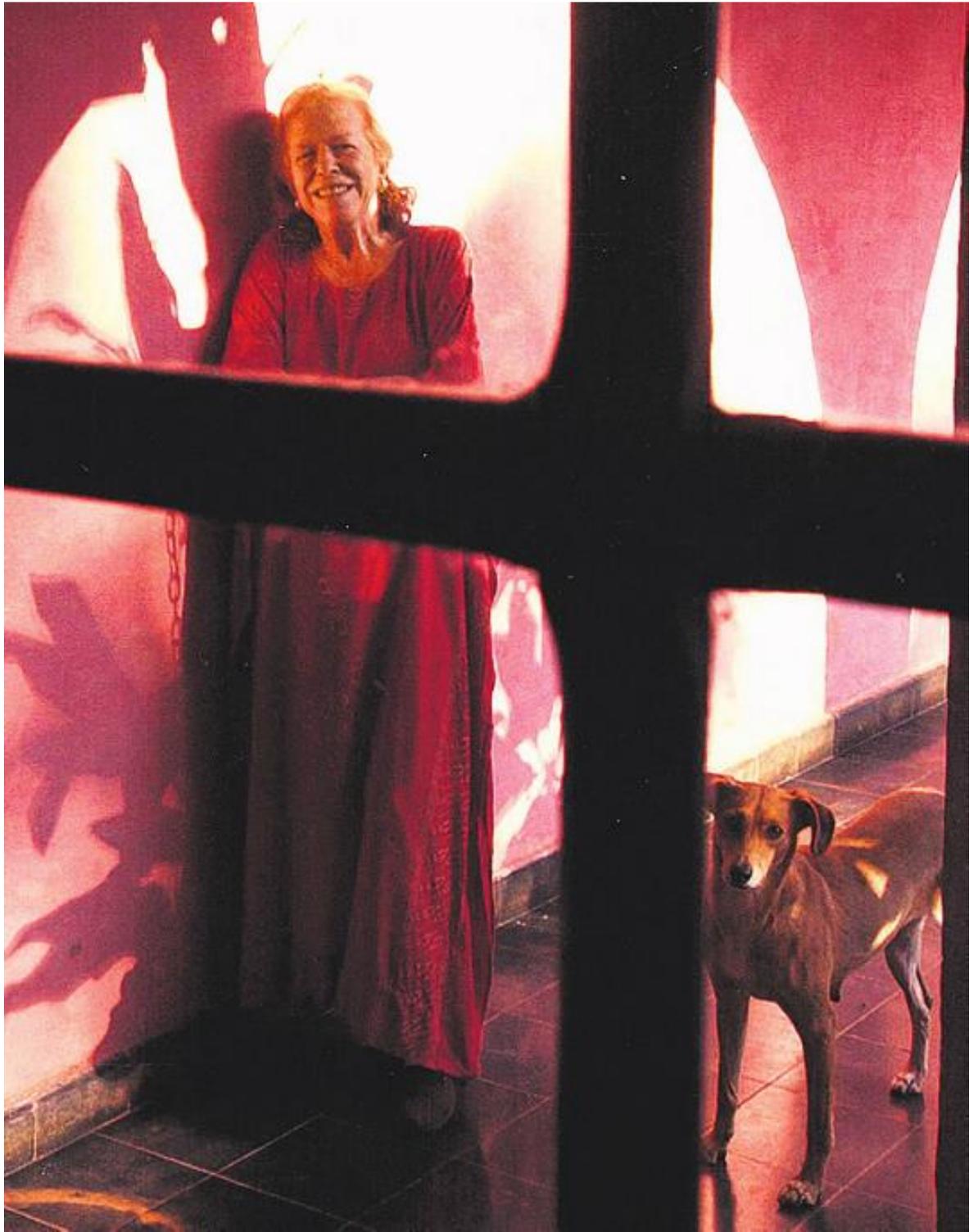
Que não se leve a sério este poema
Porque não fala de amor, fala de pena.
E nele se percebe o meu cansaço
Restos de um amor antigo e de sargaço.

Difícil dizer amor quando se ama
E na memória aprisionar o instante.
Difícil tirar os olhos de uma chama
E de repente sabe-los na constante

E mesma e igual procura. E de repente
Esquecidos de tudo que já viram
Sonharem que são olhos inocente

Ah, o mundo que os meus olhos assistiram...
Na noite com espanto eles se abriram.
Na noite se fecharam, de repente.

* Poemas de *Exercícios*



OS CONVIDADOS

Luisa Destri

Doutoranda em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo, mestre em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2010) e graduada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero (2006). Atua principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, Hilda Hilst, Murilo Mendes, poesia. É autora de *Uma superfície de gelo ancorada no riso* (Globo Livros, 2012).

Mariana Payno

Diretora de comunicação do Instituto Hilda Hilst.

Luiza Helena Novaes

Diretora técnica do projeto Sala de Memória Casa do Sol / Instituto Hilda Hilst.

7faces

caderno-revista de poesia

www.revistasetefaces.com

O caderno-revista de poesia 7faces é uma produção semestral independente com interesse na publicação de poesia.

Editores

Pedro Fernandes e Cesar Kiraly

Organização desta edição

Pedro Fernandes e Cesar Kiraly

Conselho editorial

Eduardo Viveiros de Castro

Ésio Macedo Ribeiro

Maria Filomena Molder

Nuno Júdice

Convidados para esta edição

Luisa Destri; Mariana Payno e Luiza Helena Novaes

Colaboradores (por ordem de apresentação)

Matheus José Mineiro	Yasser Jamil Fayad
Ana Maria Rodrigues Oliveira	João Grando
Valdeck Almeida de Jesus	Ricardo Escudeiro
Waleska Martins	Maria Azenha
Bruno Baker	Carole B.
Rafaela Nogueira	Lucas Grosso
Léo Br	Ludmila Barbosa
Guilherme Dearo	Cesar Carvalho
Luiz Walter Furtado	Marcos Mariani Casadore
Jorge de Freitas	Daniel Marchi
Leonardo Chioda	Andreï Ribas

Agradecimentos

A todos que enviaram material para a ideia e em especial à Luisa Destri, Mariana Payno e Luiza Helena que se dispuseram a escrever sobre a obra de Hilda Hilst; e ao Instituto Casa do Sol / Hilda Hilst pelo envio de material inédito da poeta.

Contato

Pelo correio eletrônico dos editores,

pedro.letras@yahoo.com.br, ckiraly@id.uff.br ou

através do correio eletrônico da redação

revistasetefaces@ymail.com

7faces. Caderno-revista de poesia.

Natal – RN. Ano 6. Edição n. 12. Ago.-Dez. 2015.

ISSN 2177-0794



Licença Creative Commons.

Distribuição eletrônica e gratuita. Os textos aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que seja preservada a face de seus respectivos autores e não seja para utilização com fins lucrativos.

Os textos aqui publicados são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e fica disponível para download em www.revistasetefaces.com

Algumas das imagens desta edição foram coletadas da internet e nos casos identificáveis cita a fonte de todas as obras aqui disponibilizadas. Em caso de violação de direitos, mau uso, uso inadequado ou erro, entrar em contato; nos comprometemos a atender as exigências no prazo legal de 72 horas contadas do momento em que tomarmos conhecimento da notificação.

Para participar da ideia, deve o poeta consultar o espaço **www.revistasetefaces.com**, para ler as regulagens e enviar o material; ou solicitar aos editores através dos contatos **pedro.letras@yahoo.com.br** e **ckiraly@id.uff.br** o envio das regulagens.

Os editores deste caderno-revista isentos de toda e qualquer informação que tenha sido prestada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados, conforme declaração enviada por cada um dos autores e no sistema 7faces.

